

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

O corpo e suas possibilidades



**Ponto e contraponto:
Psicóloga analisa casos
de violência contra crianças**

ISSN 1676-5141



9 771676 514269 00035



**Jogos
Pan-americanos**
Uma conquista
da **PREFEITURA**.
Uma vitória
do **RIO**.

CESAR MAIA
PREFEITO

SONIA MOGRABI
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA DE ASSIS
PRESIDENTE DA MULTIRIO

MARCOS OZÓRIO
DIRETOR DE MÍDIA E EDUCAÇÃO

MARIA INÊS DELORME
DIRETORA DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E
IMPRESSOS E JORNALISTA RESPONSÁVEL (MTB. 22.628)

MARCELO SALERNO
DIRETOR DO NÚCLEO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO

ÉLIDA VAZ
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO E OUVIDORA

EQUIPE DE PRODUÇÃO:

GERÊNCIA PEDAGÓGICA
CRISTINA CAMPOS
JOANNA MIRANDA

GERÊNCIA DE JORNALISMO
EDITORA
MARTHA NEIVA MOREIRA

SUBEDITOR
HUGO RANGEL DE CASTRO E SOUZA

EDIÇÃO DE TEXTO
RENATA PETROCELLI

REPORTAGEM
FÁBIO ARANHA
CAROLINA BESSA

REVISÃO
CÉSAR GARCIA

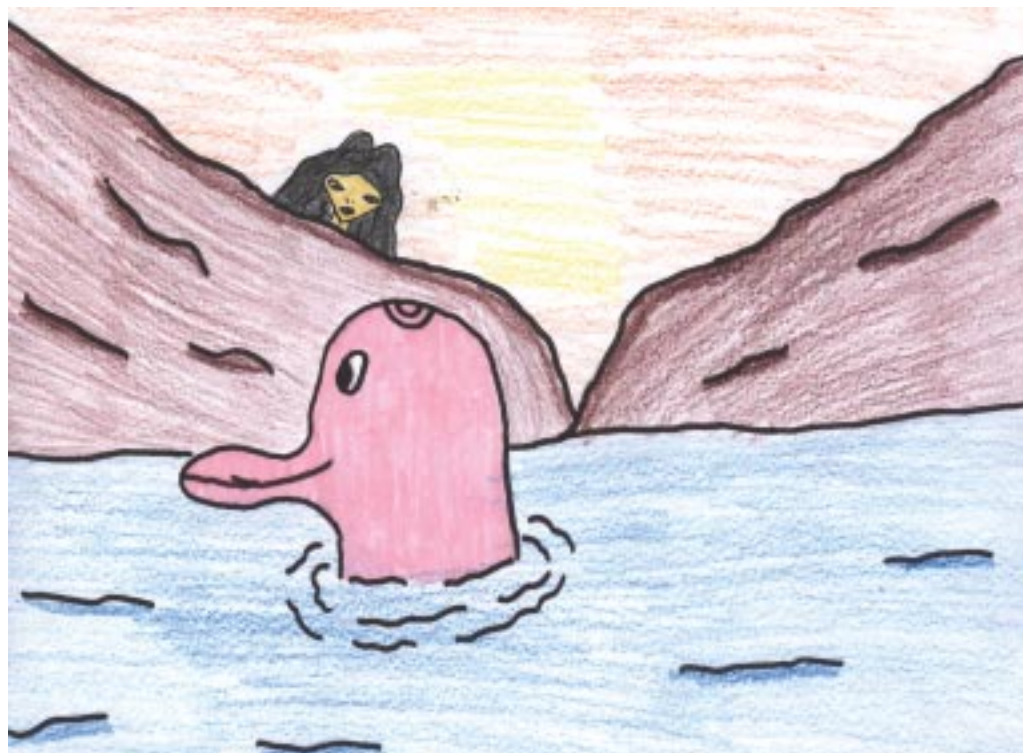
FOTOGRAFIA
ALBERTO JACOB FILHO

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS
ANTONIO CASTRO (GERÊNCIA E DIREÇÃO DE ARTE)
GUAIRA MIRANDA (PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE)
ALINE CARNEIRO (DIAGRAMAÇÃO)
VIVIAN RIBEIRO (PRODUÇÃO GRÁFICA)

IMPRESSÃO
CIDADE AMÉRICA ARTES GRÁFICA

TIRAGEM 36.500 EXEMPLARES





DESENHOS: ESPAÇO MULTIRIO NO CENTRO DE CIDADANIA RINALDO DE LAMARE. ALUNOS: WELLINGTON (13 ANOS), RODOLFO (12 ANOS), ANA BEATRIZ (14 ANOS) E JOYCE (13 ANOS)

- 4 editorial
- 5 cartas
- 6 **zoom**
Adulto também brinca
- 8 **ponto e contraponto**
Responsabilidade da família, do Estado e da sociedade
- 12 **carioca**
Diversão para todas as idades
- 15 **século XX1**
Pensando projetos em rede
- 16 **parceria**
'Verde que te quero ver'
- 18 **pan 2007**
Esporte a serviço da educação
- 19 **professor on line**
Aliado virtual na SME
- 20 **rede fala**
Gestão participativa: uma conquista
- 23 **caleidoscópico**
SME fixa metas para 2006
- 25 **olho mágico**
Vinte e quatro horas no ar
- 26 **capa**
Os limites e as muitas possibilidades do nosso corpo
- 32 **artigo**
Recrear ou entreter?
- 34 **atualidade**
Alerta contra a gripe aviária
- 36 **presente do futuro**
Infância no meio da tormenta
- 40 **pé na estrada**
Amigo em pano e fantasia
Paquetá: uma ilha de história
Escola também dá samba
- 46 **foi assim**
A Guanabara de todos nós
- 47 **perfil**
Uma mulher impossível
- 48 **agenda**
- 49 **tudoteca**
- 50 **MULTIRIO na tevê**

editorial

Por uma consciência do próprio corpo

Esta edição está cheia de novidades para o início do ano letivo. A matéria de capa, que fala sobre ludicidade e corpo, discute o papel da educação física na escola. Desde o final dos anos 1980, muitos especialistas defendem a idéia de favorecer a consciência do próprio corpo para que a criança e o jovem possam entender que cada um traz, dependendo de sua história sociocultural, uma possibilidade de movimento diferenciado.

Na seção *Carioca* vamos conhecer melhor o projeto dos Teatros de Guignol, cujos atores trabalham com bonecos, marionetes, fantoches e teatro de sombras. A atividade é promovida pela Secretaria das Culturas e acontece em alguns pontos da cidade, da Zona Norte à Zona Sul. Na reportagem você aprenderá um pouco mais sobre a origem desta forma de teatro, criada na cidade de Lyon, França, no século XIX e trazida ao Brasil pelas mãos de Pereira Passos, já no século XX.

As parcerias para a revitalização de áreas verdes, a exploração do trabalho infantil, o trabalho desenvolvido pelos clubes escolares, a volta das doenças que assustam o mundo, como é o caso da gripe aviária, e a pesquisa de vacinas para combatê-las, são alguns dos muitos assuntos deste número.

Não deixe de ler.



Sonia Mograbi
Secretária municipal de Educação

Kit
NÓS da Escola
Série Especial

Programas que complementam o Caderno do Professor, com temas voltados às diversas áreas do conhecimento e questões pedagógicas.

EM CARTAZ NA SUA ESCOLA

Ludicidade

Li o nº 34 de NÓS DA ESCOLA e fiquei feliz em saber que o tema ludicidade foi contemplado neste número e continuará no próximo. Gostaria de saber se há interesse da revista em receber uma monografia que montei para um curso de especialização na UFRRJ com o tema: *A socialização através do jogo lúdico e atividades esportivas numa visão educativa*. Sou professora de educação física da Rede e gostaria de contribuir.

Maria Izabel da Costa

Professora da Escola Municipal de Alencar Castelo Branco

N. da R.

A revista tem uma seção chamada *Rede Fala*, que publica artigos de professores da Rede. Adoraríamos contar com um artigo seu sobre o tema de sua monografia. Confira as especificações do texto do *Rede Fala* no pé desta página.

Parabéns!

A minha escola, Fernando Barata Ribeiro, vai completar no dia 25 de março deste ano, 40 anos. Ela se localiza na Avenida Santa Cruz 9.720, em Santíssimo. Gostaria de prestar uma homenagem a nossa escola, aos nossos alunos e a todos os servidores que aqui trabalham, pelo seu aniversário.

Maria Helena Menezes dos Santos
Funcionária da Escola Municipal
Fernando Barata Ribeiro

N. da R.

Agradecemos a sua carta e aproveitamos para parabenizar toda a equipe da escola pelos 40 anos de trabalho e compromisso com a educação pública da cidade do Rio de Janeiro.



ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

— Eu quase não brinco, porque estou trabalhando. Raramente jogo cartas com os amigos. Acho que se tivesse tempo brincaria mais. Eu sairia para andar de bicicleta, jogaria bola, entre outras coisas. Brincar faz bem, alivia a mente e é uma boa maneira de fugir das preocupações.



Débora Vieira de Oliveira,
advogada

Adulto também brinca

Na infância as pessoas passam boa parte do tempo brincando. A brincadeira, o jogo, a fantasia, a imaginação, enfim, a dimensão lúdica, fazem parte do universo da criança. Seja na escola, em casa ou na rua. Na vida adulta, mesmo com todas as tarefas domésticas e profissionais, a idéia de ludicidade está presente também. Ela pode ser vivenciada em uma paquera, em um jogo, em uma boa leitura que mexa com a imaginação, ou até no envio de um torpedo de celular. Adulto também brinca. E muito, como a equipe de NÓS DA ESCOLA conferiu.

— Hoje brinco com meus netos de boneca, de contar histórias e de jogar bola. É importante para o desenvolvimento deles. E ao mesmo tempo, assim, eu volto a ser criança. Na infância brinquei muito e hoje ensino a eles algumas dessas coisas que eu fazia, como jogar amarelinha e pique-esconde.



Elze Marques, professora
aposentada

— Todo mundo brinca. Eu, por exemplo, jogo sinuca. É uma forma de me divertir. Sem falar que é um jogo de habilidade, uma forma de me exercitar fisicamente e de permitir a sociabilidade. Brincar também é necessário para o adulto. Outra coisa que costumo fazer, mas com menos frequência, é ficar jogando no computador.



José Eduardo Lirio,
aposentado



César Wright, empresário

— Adulto brinca sim, mas não eu. É porque não tenho tempo. Estou sempre muito ocupado. Não tive oportunidade de brincar com os filhos por causa do trabalho, mas agora resta esperar os netos. Quando os tiver, talvez faça isso. Brincar é a melhor coisa para a cabeça, porque faz a gente relaxar.



Glória Maria Ferreira, aposentada

— Adulto brinca sim. Eu, pelo menos, gosto de fazer isso. Hoje só costumo jogar cartas. Uma rodada de baralho é sempre bom. Mas quando estou com meus afilhados participo de várias brincadeiras como queimada, boneca e roda. Brincar significa diversão, mas também serve para aliviar os problemas do dia-a-dia.



José Augusto Rocha, advogado

— Sim, adulto brinca. Eu gosto de jogar bola e baralho. Mas o que me diverte mesmo é fazer partidas de bingo aos fins de semana. Adultos e crianças participam desta brincadeira na minha casa. E é muito interessante porque descontraí, deixa a gente alegre e faz passar o tempo.

— Sim, eu brinco. Gosto muito de *Playstation*. Agora, estou usando o do meu primo, mas penso em comprar um para mim. É bem legal, mas também vicia. É bom fazer isso de vez em quando, porque a gente acaba relembrando a infância e também serve como uma válvula de escape para o estresse.



Vera Lúcia Anacleto, vendedora

Responsabilidade da família,

O caso do bebê abandonado na Lagoa da Pampulha e resgatado diante das câmeras gerou comoção nacional. As imagens do recém-nascido chorando e sendo retirado de um embrulho que boiava às margens da lagoa provocaram sentimentos que oscilaram entre a indignação e a incredulidade. Nos dias que se sucederam ao resgate, uma enxurrada de matérias jornalísticas relatando casos semelhantes ocupou boa parte do noticiário. Para a psicóloga Cláudia Guimarães, tamanha exposição na mídia evidencia apenas que “estamos tirando a tampa da panela de pressão de um problema que sempre existiu”. Assessora técnica da ONG Associação Brasileira Terra dos Homens e membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Cláudia acredita que a questão da violência doméstica é um problema social, e portanto não se resolve apenas pela punição. Ao contrário, ela aposta na prevenção. “Não adianta ficar em lados opostos, apontando quem está certo e quem está errado”.

Que tipo de sociedade é a nossa, que leva pessoas a agredir crianças, abandonar os filhos, ou jogar bebês em lagoas?

Essa é uma das perguntas que fazem parte da contextualização desse fenômeno. O que leva mães e pais a fazerem isso? O que acontece? Um momento de desespero? Uma doença psiquiátrica? Como se produz isso? Pode ser o Estado com uma ausência de retaguarda, muitas vezes. Ou pode ser falta de informação. Será que a mãe que deixou a criança na Lagoa da Pampulha sabia que poderia ter ido a um juizado da infância e da juventude para procurar ajuda, ou mesmo deixar essa criança lá, onde ela poderia ser colocada em outra família? Nem essa mãe, que estava desesperada, nem a sociedade como um todo têm informações sobre como proceder numa situação onde uma criança não pode ficar com a mãe, ou com o pai, ou com a família.

É um problema social ou caso de polícia?

Precisamos caminhar todos juntos. É um problema social, uma questão socioeconômica. Então é um problema de desenho de política pública, mas é também um problema de segurança pública. As esferas públicas precisam trabalhar em conjunto. Saúde trabalhando com educação, cultura, segurança pública, trabalho e renda. Essa mãe de Belo Horizonte alegou nos depo-

imentos que estava desesperada, principalmente com questões financeiras. Se ela sabia que podia ter contado com alguma retaguarda, isso a gente não sabe. Porque ninguém está preocupado em tentar compreender como a situação chega a esse ponto.

Casos como esse se resolvem punindo?

Creio que não. Na verdade são dois processos diferentes. Há a prevenção, mas quando ela não funciona, ou quando ela não acontece, a pessoa vai responder criminalmente. Não há como um oficial de justiça ficar na porta da casa de uma mãe evitando que ela tenha novos filhos, ou que cometa agressões contra os filhos que tem. Durante uma semana a mídia detonou um processo de visibilidade de casos semelhantes ao da mãe que deixou seu filho na Lagoa da Pampulha, porque virou pauta. Mas na verdade a gente está tirando a tampa da panela de pressão de um problema que sempre existiu. Isso acontece todo dia, toda semana. No século retrasado existia a roda dos expostos, uma engenhoca onde a criança era colocada e aquilo ficava girando, e não se sabia quem era a mãe que colocava o filho ali. As freiras recolhiam as crianças e elas eram criadas nos antigos orfanatos e outras instituições que existiam na época. O abandono de crianças já existia, só que a percepção disso era

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

do Estado e da sociedade

diferente. Hoje tem muito essa questão da família única e exclusivamente culpada. A mãe que não quer ou não pode ficar com seu filho vai aparecer como a mãe malvada, a mãe perversa. Ela não tem a roda dos expostos, mas tem a lagoa onde ninguém vai ver. Ou pensou que ninguém ia ver. Ela achou que essa culpa não ia ser imputada a ela.

Como deve ser a atuação do setor público na prevenção de casos como esses? O planejamento familiar pode ser uma saída?

A população deveria ter conhecimento de que existe uma política que atende a essa demanda de mães sem condições financeiras ou psicológicas para criar seus filhos. Deveria ser uma política atrativa e não punitiva. O que motiva uma família a participar desse tipo de programa? Às vezes nada. Porque a percepção é de que esse serviço é oferecido com a expressão da culpa, o dedo em riste apontado dizendo que a família está errada, porque tem 10 filhos, porque eles têm que parar com isso etc. A forma como é construído o vínculo com essas famílias precisa ser modificada. O papel do serviço social tem que sair um pouco dessa lógica, do “eu sei mais do que você, você não sabe o que está fazendo”. Tem que sair disso de culpabilizar e ir no sentido da parceria. Dizer: “Nós estamos com vocês, somos co-responsáveis”. O Estatuto da Criança e do Adolescente diz que não é papel só da família. É papel da família, da sociedade e do Estado proteger essas crianças. Não adianta ficar em lados opostos, apontando quem está certo e quem está errado.

Mas não existe também uma agressão por parte do Estado? Essas instituições para “menores” infratores, que todos sabem como funcionam na realidade, podem ser consideradas uma forma de agressão? Não existe aí uma contradição?

A lei prevê sanções e punições não apenas quando a agressão vem da família, mas também quando o próprio Executivo não cumpre sua função de oferecer a política preventiva de atendimento.

É prevista no Estatuto punição para todos os atores que possam praticar violência contra crianças.

Mas isso funciona na prática?

Nem sempre, mas é pelo que se está batalhando. Não é por acaso que os conselhos municipais surgiram em 1990 para cumprir essa função do controle social. Para poder monitorar tudo o que o Estado está fazendo. Hoje existe uma dupla função: cumprir a sua e monitorar e fiscalizar a do outro.

Qual é exatamente a função de organizações da sociedade civil?

As ONGs surgem dos movimentos sociais com a função de monitorar o que é oferecido. Elas podem oferecer serviços complementares à atuação do setor público, mas sempre com a ideia de que se esse serviço for bom, que se torne uma política pública, incorporada ao orçamento público, para ser executada pelo serviço público. ▶



É possível trabalhar as questões de violência com as crianças de forma preventiva. É importante o professor abrir um espaço de discussão na sala de aula e sentar com as famílias para tratar do assunto.

Mas o que às vezes acontece é que as ONGs substituem o papel do poder público, cobrindo esses buracos que estão ficando nas ofertas de serviços, mas essa não é a função das ONGs. Sua função é resgatar o movimento de luta, exercer o controle social, participar dos conselhos municipais, ajudar para que as políticas públicas sejam desenhadas de acordo com as necessidades da população.

E quando se reclama da redução da idade penal para 14 anos? Há um clamor para que o Estado cada vez mais estenda a sua atuação de forma policial. Isso também seria uma forma de agressão?

A redução da maioridade penal é a sala de espera da pena de morte. E quem acaba sendo punido? Será que são os adolescentes filhos da classe média que estão traficando, quebrando boates ou queimando mendigos na rua? Ou isso vai ficar direcionado aos adolescentes negros, pobres, moradores da periferia? Reclamar disso também é falta de informação. Hoje, os adolescentes que cometem atos infracionais podem ficar até três anos com a privação da liberdade. Então não é que não haja punição, mas a gente sabe quem vai pagar o pato se houver redução da maioridade penal. O Estatuto fala em universalização de direitos. Ou seja, uma lei para todo mundo. Há alguns anos, quando o doutor Siro Darlan chamou à responsabilidade famílias de modelos de 12 a 14 anos que estavam fora da escola, isso gerou muita polêmica. Por que os filhos dos pobres não podem estar no sinal vendendo doces e as filhas da classe média ou alta podem estar nas passarelas? Todos têm que estar na escola. E a redução da maioridade penal seria sim uma agressão porque faz parte de uma cultura higienista, que quer limpar, corrigir, mas não coloca nada no lugar, no sentido educativo.

A sociedade fica horrorizada quando uma mãe pobre abandona seu filho. Mas ao mesmo tempo há um clamor popular pelo endurecimento da legislação para com esses mesmos filhos de pobres que podem vir a representar uma ameaça ao cotidiano da classe média. De onde vem essa contradição do senso comum?

Eu acho que a mídia tem um papel fundamental nisso. A sociedade está preocupada em fazer justiça nem que seja pelas próprias mãos. Há matérias jornalísticas que dizem: "Menor assalta estudante". Por que um é menor e outro é estudante? A gente na área social não usa o termo "menor". São crianças e adolescentes. Todos são crianças e adolescentes. O termo "menor" carrega um estigma: é negro, é pobre, mora na favela, está roubando, está traficando. Então a mídia vai contribuindo para a formação da opinião das pessoas. Se a mídia buscasse uma outra percepção, um outro olhar, as coisas iam mudando na cabeça da população. Não é questão de ter pena, mas saber o que motiva uma criança a assaltar ou traficar. Será que essa criança tem as mesmas oportunidades que um menino de classe média? A gente precisa acreditar que existe uma outra forma de ver essas crianças, e trabalhar em conjunto.

E qual o papel da escola na prevenção da violência contra crianças e adolescentes?

Não apenas trabalhar com a criança, mas também com a família, conhecendo a família. Se a criança apresenta um determinado comportamento em sala de aula, quem é a família dela? O que está levando a uma determinada situação que pode resultar em abandono, uma violência maior num outro momento. Essa mãe de Belo Horizonte, por exemplo, o que aconteceu antes desse abandono? O que passou pela cabeça dela? Quando ela saiu do hospital, será que teve acompanhamento adequado? Teve depressão pós-parto? Será que tinha uma doença psiquiátrica preexistente? Essa mulher saiu sozinha com esse bebê nos braços? E depois? Em que estado ela saiu de lá? Ninguém ficou muito preocupado com isso. Ficaram preocupados em focalizar essa mãe como uma pessoa perversa. Quando ela foi presa, o que foi dito? "Bem feito!". Da mesma forma quando morreram os meninos da

Candelária e uma emissora de televisão botou no ar um filme onde o herói era um justiceiro que matava os jovens criminosos. A gente precisa estar mais atento a esse tipo de veiculação subliminar. Ninguém fala de prevenção. Se existe um adolescente que oferece perigo para a sociedade, se existe uma mãe que oferece perigo para uma criança, existiu uma situação de perigo anterior. Existiu uma criança em perigo que não foi acolhida. Existiu uma mãe em perigo que estava muito desesperada. Essas discussões precisam existir antes que a sociedade aponte o dedo para imputar culpa a alguém. A gente perde mais tempo procurando de quem é a culpa do que trabalhando em parceria para construir histórias diferentes.

Além da violência doméstica, é possível tratar de violência com os alunos, em sala de aula?

É possível trabalhar com essas crianças preventivamente, abrir espaço para essa discussão em sala de aula. Quando você tem uma música que diz “um tapinha não dói”, que reproduz o fomento à violência, pode discutir essa música que tanto é tocada dentro da comunidade. Sentar com as crianças, adolescentes e famílias e discutir temas como esse. Aos poucos vai havendo um trabalho de desconstrução da cultura da violência. E é possível fazer isso também através das diversas manifestações artísticas, como teatro e música. Existem muitas maneiras de abordar isso. O importante é trabalhar com prevenção, para que o dinheiro público não seja utilizado para atenuar os estragos.

Como é o trabalho do Conselho?

O papel do Conselho não é ofertar serviços. Mas nós temos um fundo, que é o Fundo Municipal da Criança e do Adolescente, com dinheiro de doações de pessoas físicas ou multas aplicadas pelos juizados. A gente tenta transformar esse dinheiro em projetos que sejam exitosos para as comunidades do Rio, que depois a gente vai tentar incorporar às políticas públicas do município, junto à prefeitura. O papel do Conselho é monitorar e ajudar a elaborar as políticas públicas oferecidas em nosso município. Outro papel é monitorar as instituições que oferecem atendimento. Elas preci-

sam ter um registro no Conselho, que será concedido após uma avaliação do trabalho. Esse registro precisa ser renovado a cada três anos. É uma forma de a gente saber quantas instituições no Rio oferecem atendimento à criança, e como esse atendimento é oferecido. A mesma coisa com os programas governamentais de atendimento voltados à infância e à adolescência. Eles precisam estar inscritos aqui. O Conselho é um órgão da população. É um canal legítimo entre a população e o governo. Mas muita gente não sabe disso ainda, muita gente não conhece o Conselho Municipal. A gente ainda está engatinhando nesse trabalho de comunicação.

Quais as consequências para o futuro quando crianças e adolescentes sofrem violência física ou psicológica?

Quando se diz para uma criança que ela não presta *pra* nada, ou que o irmão dela é muito melhor que ela, ou que ela é responsável pela desgraça dos pais, ou diversas situações como essas, isso pode provocar traumas às vezes muito maiores até mesmo do que violência física. Mas toda violência física vem acompanhada de violência psicológica. A criança pode ficar muito insegura, pode tender à reprodução dessa violência na escola e na vida adulta, pode gerar sentimentos de rejeição, abandono e auto-estima extremamente prejudicada. A questão da violência sexual acarreta muito a dependência química. Mas vai depender. Tem crianças que reagem e superam isso muito bem.

A criança costuma ser encarada pelos pais como propriedade privada?

Muitas vezes a criança é vista como um objeto, uma propriedade. No atendimento aos pais que perpetraram algum tipo de violência contra seus filhos a gente ouve um pouco esse discurso de que os filhos são deles e nós não temos nada a ver com isso. Parece realmente que a criança é propriedade privada. O atendimento visa também romper com isso, dizendo que a criança é responsabilidade também do Estado e da sociedade. A mudança dessa compreensão é o primeiro passo. A partir daí as coisas podem melhorar. ■

SAIBA MAIS

O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente é uma instituição paritária (metade dos membros é indicada pelo poder público e a outra metade eleita diretamente pela sociedade civil) responsável pela formulação, deliberação e controle das políticas públicas voltadas à população infanto-juvenil de cada município. www.cmdcario.cjb.net

A Associação Brasileira Terra dos Homens é uma instituição independente e sem fins lucrativos que promove a reintegração familiar e comunitária de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal ou social. www.terradoshomens.org.br

Diversão para todas as idades

Teatro de bonecos, ou de Guignol, atrai crianças e adultos para praças em vários pontos da cidade



O teatro de bonecos foi trazido ao Brasil por Pereira Passos no início do século XX

Com uma pitada de nostalgia é possível recordar uma infância cercada por bonecas de pano, fantoches e marionetes. Assim, muita criança se divertia com os amigos em casa ou com os colegas na escola. Para resgatar um pouco desse clima, a Secretaria Municipal das Culturas (SMC) está levando às praças cariocas os Teatros de Guignol, que é como são conhecidos os espetáculos com bonecos de vários modelos, cores e tamanhos que protagonizam peças de verdade. Ao contrário do que muita gente pensa, as sessões não são dirigidas apenas a crianças. O objetivo é formar platéias, usando uma linguagem acessível a todas as idades.

TEXTO
CAROLINA BESSA
FOTOS
DIVULGAÇÃO

Para dar formato ao projeto, foi criada na SMC a Coordenadoria de Teatro de Bonecos e de Animação. O secretário municipal das Culturas, Ricardo Macieira, ressalta que a presença de

famílias inteiras nos espetáculos repete um fenômeno corriqueiro no início do século XX. “Na programação artística e cultural em áreas públicas, a administração Cesar Maia se identifica com a do prefeito Pereira Passos”. Data dessa época (1902-1906) o costume da população de se reunir em praças públicas para passar o tempo e também assistir a peças de teatro com bonecos.

Desde a implantação dos Teatros de Guignol, em 2003, já foram criadas 19 companhias de espetáculos, que se apresentam em locais públicos nas zonas Norte e Sul. O teatro Carlos Werneck, no Flamengo, é uma espécie de sede do projeto. Os espetáculos são realizados em bairros como Méier, Tijuca, Gamboa, São Cristóvão e Ipanema. A intenção é continuar ampliando o número de locais de apresenta-

ção para entreter mais pessoas de regiões diferentes do município.

A cada dia surgem novos artistas e todas as propostas de espetáculos são apoiadas pelo coordenador de Teatro de Bonecos e de Animação da Secretaria, Fernando Berditchevsky. “Eu recebo os textos, analiso os temas, os estilos de apresentação, vejo o visual e ajudo os grupos a melhorar aqui ou ali alguma coisa”, explica Berditchevsky, que é cenógrafo e professor do Teatro Tablado, escola de formação de atores. Os manipuladores têm formação teatral. Outros profissionais, principalmente de artes plásticas, são responsáveis pela confecção dos bonecos e pela montagem do cenário.

Ao alcance de todos – A cada mês a Secretaria divulga uma programação com as peças. É possível assistir a espetáculos de fantoches (manipulados por luvas), marionetes (manipulados por fios), bonecos de varas, teatro de sombras e manipulação direta (o manipulador aparece junto com a personagem). Os temas também são variados, desde que sejam acessíveis a todas as faixas de idade. “O importante é ver se a linguagem está ao alcance das crianças, porque assim podemos falar de qualquer assunto. Já

fizemos peças sobre prevenção de Aids, por exemplo”, explica o coordenador.

Um dos espetáculos em cartaz em diferentes pontos da cidade desde janeiro é *O médico à força*, uma adaptação para os dias atuais da peça homônima de Molière, encenada pela Companhia Paralux Produções e apresentada por dois estreantes na arte de brincar com bonecos: Ernesto Xavier, de 21 anos, e André Pellegrino, de 19. Os jovens são alunos de Berditchevsky, que também responde pela adaptação do texto. Convidados para atuar neste tipo de representação, os dois artistas tiveram que se empenhar bastante para encontrar o ritmo adequado à peça e aprender a nova técnica.

“Estou me dedicando bastante. É um outro universo. A interpretação é igual à do teatro, mas manipular bonecos é mais difícil porque as personagens trocam o tempo todo. É preciso saber improvisar”, afirma Xavier. No espetáculo, os dois artistas se revezam para fazer as vozes de oito personagens, inclusive as femininas. E isso significa ensaio atrás de ensaio. Para Pellegrino, o mais difícil foi chegar à interpretação adequada do príncipe francês, um dos bonecos da peça. “Eu chegava em casa e ficava treinando o ►

Um passado revisitado

A arte de contar histórias com bonecos não ficou restrita a seu país de origem. No Brasil, principalmente no município do Rio de Janeiro, ela chegou ao conhecimento do público na gestão do prefeito Pereira Passos. Além do redesenho da cidade, dos progressos em saneamento e saúde pública, seu governo também foi marcado pela cultura. Ele levou o Guignol a espaços como o Mourisco, as Praças Saens Peña e Serzedelo Córrea, Avenida Beira-Mar e Jardim do Méier. Na época foram montados 10 palcos nesses locais para divertir a criança.

O resgate do teatro de bonecos começou em dezembro de 2003, na administração do prefeito Cesar Maia. Os espetáculos infantis voltaram a espaços como Quinta da Boa Vista, Jardim de Alah, Praça Coronel Assumpção, na Gamboa, Praça Xavier de Brito, na Tijuca, ao Jardim do Méier e ao Teatro Carlos Werneck, no Flamengo. Para chegar aos locais definitivos, o coordenador do Teatro de Bonecos e de Animação da SMA, Fernando Berditchevsky,

fez 70 visitas a espaços públicos acompanhado de técnicos da Fundação Parques e Jardins.

Nos lugares escolhidos, foram construídos quiosques, seguindo o modelo adotado por Pereira Passos no Guignol do Mourisco, em Botafogo. Nas paredes externas podem ser vistas imagens de palcos do século passado. No interior, ficam os bancos para os manipuladores. Por uma abertura, os bonecos se apresentam numa espécie de palco. Atrás, há uma cortina com pinturas, que vão se movimentando à medida que vai mudando o cenário.

As atrações são gratuitas. Desde o início do projeto, já foram realizados 308 espetáculos, assistidos por 212 mil espectadores. As peças exploram temas variados, desde clássicos infantis, como *Chapeuzinho Vermelho*, até histórias baseadas no folclore nordestino, passando por adaptações de peças teatrais, até abordagens de questões de saúde, como prevenção à Aids e cuidados com a dengue.



O personagem feito de espuma foi usado no espetáculo *Um natal de Pedrinho*

De tecelão a criador de bonecos

Em 1804, em Lyon, França, o tecelão desempregado Laurent Mourguet (1769-1844) enfrentava dificuldades financeiras. Terminada a Revolução Francesa, há quem diga que ele passou a vender tecidos em feiras, mas outras versões dão conta de que começou a arrancar dentes (na época não era necessário qualquer diploma para exercer a profissão) para prover o sustento da esposa e de seus 10 filhos. Para atrair mais clientes, teve a idéia de criar um teatro de fantoches. Foi o pioneiro nessa técnica. Até então só existiam teatros de marionetes.

Seus primeiros personagens foram Polichinelle e O Diabo. Depois criou Gnafron, inspirado em um amigo seu. Em 1808, inventou Guignol, o mais famoso de seus bonecos. Como a aparência de Guignol lembrava a fisionomia de seu criador, seu teatro passou a ser conhecido por esse nome. Foi com a nova atividade de confeccionar fantoches e marionetes e apresentá-los em espetáculos em praças públicas que Mourguet passou a garantir o sustento dos filhos.

Em 1830, Mourguet aperfeiçoou a sua técnica e levou seus espetáculos a várias cidades francesas. Com o sucesso de seus bonecos, conseguiu abrir o próprio teatro. Em 1840, se mudou para Viena e morou lá até a morte, quatro anos depois. O Teatro de Guignol tornou-se tradição francesa e até os dias de hoje é patrimônio de Lyon.

sotaque. Até atendia o telefone com a voz do personagem”, diverte-se o ator.

No mês de janeiro, estrearam outras duas peças apresentadas na Tijuca e na Quinta da Boa Vista. Uma delas, *O colarinho*, de Luís Carlos Buruca, Alessandro Hanel e Frank Necho, com o grupo Nóis do Vento. A outra, *Eiro, eiro, burro meu faça dinheiro*, de Márcio Vito e Júlia Carreira e exibida pelo grupo Mimo Boquirroto. As peças serão encenadas em outros espaços públicos no decorrer do ano.

Influência de peso – Com ampla experiência no teatro de bonecos, o coordenador do projeto e diretor dos espetáculos conta que foi apresentado à técnica pela teatróloga e escritora Maria Clara Machado e se apaixonou pelo trabalho. Esse encontro não foi casual, já que a formação do diretor vem do Tablado, escola criada e dirigida pela escritora.

Segundo ele, o que pouca gente sabe é que os primeiros textos escritos por Maria Clara foram feitos justamente para teatro de bonecos. “Ela me deu muita força quando resolvi começar a trabalhar com isso. Aprendi que o mais importante é a qualidade, não importa se as peças são para adultos ou para crianças”, ressalta Berditchevsky. A escritora ficou consagrada por peças vistas por várias gerações de crianças como *A bruxinha que era boa*, *O cavalinho azul* e a mais famosa delas: *Pluft, o fantasminha*.

O próximo desafio do diretor é montar uma ópera com 117 bonecos. O espetáculo será apresentado no segundo semestre deste ano no Teatro Carlos Werneck. Cinco manipuladores vão dar conta dos movimentos de todos os personagens. Além disso, a idéia de Berditchevsky é misturar bonecos de vara, fantoches e marionetes. Os primeiros modelos são interessantes por permitir que sejam movimentados a até três metros de distância do manipulador. A apresentação terá uma duração maior que a média: em vez dos 30 a 35 minutos usuais, levará 55 minutos. Diante de novas promessas e do êxito do Guignol, o secretário municipal das Culturas só tem uma certeza: “o fascínio dos espetáculos ao vivo nunca se extinguirá”, comemora. ■

Pensando projetos em rede

Eis que chegamos ao século XXI à procura de novas respostas para antigas questões. A ponta do *iceberg*, que nem mesmo o degelo da calota polar diminui, aponta para demandas educativas diversificadas, transformações dos saberes, enorme produção de informação repercutindo nas estruturas sociais, políticas e econômicas e na dificuldade de se estabelecer um diálogo de forma crítica com esses fenômenos.

Neste contexto é de esperar que a escola, entre outras instituições, esteja perplexa, em busca de um caminho mais adequado: construir o projeto político-pedagógico? Realizar parceria com a comunidade? Consultar os alunos? O que fazer com as respostas, se há um programa a cumprir?

Assessoramento, aprendizagem colaborativa e tecnologias de informação e comunicação começam a emergir como possibilidades no universo pedagógico, assim como a construção de uma linguagem comum, facilitando o acesso a práticas pedagógicas diferenciadas, entre as quais os projetos de trabalho. A simples menção a projetos de trabalho pode erroneamente levar o professor a pensar: “Lá vem mais um modismo; já vivemos o construcionismo, o construtivismo, e continuamos de ismo em ismo...”

A palavra projeto tem significado implícito. Segundo Nilson Machado, “deriva do latim *projectus*, participio passado de *projicere*, significando algo como um jato lançado para a frente”. O indivíduo vai lançar mão de sua capacidade de antecipar ações, de selecionar e eleger seus objetivos, contextualizando-os historicamente, para finalmente se lançar em busca dos mesmos, a fim de construir seu projeto de vida.

Concretamente, trabalhar com projetos significa voltar-se ao pensamento em rede, integração continuada de saberes e de conteúdos fluindo em vasos comunicantes, trocando individualismo e resistência ao novo por socialização e parceria com alunos – aprendentes. Demanda visão de futuro que, segundo Jean-Marie Barbier, “não é uma simples representação do futuro, do possível, de uma idéia; é o futuro a fazer, um

amanhã a concretizar, uma idéia a transformar em ato”. Exige abertura para o novo, o não-determinado, com o risco de sucesso e insucesso; exige entender que o conhecimento é algo que se constrói, que se vai tecendo. Requer aprender com o erro e praticar avaliação continuada de dentro para fora e de fora para dentro.

A sala de aula, qualquer que seja seu formato, é sempre uma surpresa, lidando com pessoas únicas em sua diferença, procurando encontrar respostas aos seus questionamentos tanto em livros como na internet, tanto em fóruns como em reuniões presenciais, e em milhares de outros espaços, mas que só a descoberta e a interação com o *outro* é capaz de referendar os dados, socializar a pesquisa e horizontalizar a relação, ponto de partida de qualquer busca. Para se tornar real, necessita de uma construção a partir de atividades integradas – segundo Fernando Hernandez, “o oposto à idéia de recepção passiva” – que levem em conta a mundialização e as questões relacionadas com o alunado e o seu entorno.

É necessário, então, desconstruir uma prática que tratava conteúdos como tótems por uma em que problemas emergentes servirão de norte à seleção dos mesmos, agregando-se um tratamento multidisciplinar, de rede, que tenha significância e favoreça a apropriação do conhecimento por parte do aprendente. Os conteúdos continuam a ser essenciais. Só que precisam ser tratados de forma interdisciplinar. O tempo “ruge”. É hora de agregar ao projeto de trabalho estratégias de educação *on line*, capazes de atingir um universo maior através de ensinantes que desafiam e se sentem desafiados, todo o tempo, à procura de respostas, que cada vez mais são temporárias e fugidias.

Expectativas e esperanças são parte da vida daqueles que se envolvem com educação. Mesmo já tendo caminhado alguns anos, este século continua sendo um ícone desafiador. Uma leitura de mundo nos explica por que se criou um *site* – o Século XX1 – refletindo questões antigas, examinadas por meio de diferentes mídias. ■

TEXTO

MIRIAN GARFINKEL,
PROFESSORA DA OFICINA DE
PROJETOS DO PROGRAMA
SÉCULO XX1 E ESPECIALISTA
EM GESTÃO DE EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA

'Verde que te quero ver'

Onde havia apenas terra, surgem canteiros, jardins e flores. Onde havia apenas a poda periódica da grama, agora há irrigação constante, plantio de espécies nativas exóticas, jardineiros treinados. Os exemplos falam por si: Praça Santos Dumont, na Gávea; Parque Tom Jobim, na Lagoa; Jardim da Penha; Praças General Osório e Nossa Senhora da Paz em Ipanema e os canteiros centrais da Avenida das Américas na Barra. Toda essa mudança só está sendo possível porque a prefeitura, através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMAC) e da Fundação Parques e Jardins, está adotando medidas para desburocratizar o processo de adoção de áreas verdes na cidade.

TEXTO

AYRTON XEREZ

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE

MEIO AMBIENTE

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Desde os anos 1990 o programa Adote uma Área Verde vem revitalizando praças e jardins na cidade e conta com a participação de empresas, associações de moradores e até de pessoas físicas. Do final de 2002 para cá, entretanto, os

procedimentos para o estabelecimento das parcerias foram simplificados pela SMAC e isso conferiu agilidade à concessão das áreas "apadrinhadas", estimulando ainda mais o envolvimento de empresas no projeto.

A rotina de adoção é simples. Primeiro, o interessado indica que área quer adotar. Em seguida, técnicos da prefeitura elaboram o projeto de revitalização, o que não significa que esse mesmo projeto também não possa ser desenvolvido pelo interessado. Analisadas e aceitas as propostas de atribuições das partes envolvidas, em no máximo sete dias a adoção é concretizada, podendo daí ocorrer desde obras civis até o simples plantio de flores.

O programa Adote uma Área Verde foi criado pela Fundação Parques e Jardins com o objetivo de promover a parceria entre o poder público, a iniciativa privada e a socieda-



Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema

de civil na recuperação e preservação de praças e jardins, ajudando, assim, a combater a degradação e o vandalismo. Nos locais adotados uma placa, padronizada pela prefeitura, informa a empresa ou entidade que mantém o local – um detalhe que possibilita a divulgação de quem faz a adoção como estratégia que agrega responsabilidade social à marca da patrocinadora.

O programa de adoções tem se revelado um sucesso, na medida em que gera benefícios para todos os envolvidos: a comunidade tem a área preservada, o poder público redireciona os recursos economizados a áreas mais carentes e os “padrinhos” investem na consolidação, reconhecimento e fidelidade à sua marca. Para entender melhor as vantagens dos programas de adoções, é importante conhecer as diretrizes utilizadas pela prefeitura em seus projetos de conservação de áreas verdes e de arborização.

Canteiros, praças e jardins – A plantação de árvores contribui para a diminuição das ilhas de calor. A simples produção de sombra, que nada mais é do que a obstrução da incidência de raios solares, já produz algum efeito. Além disso, há outros benefícios: as árvores reduzem a poluição sonora e atmosférica (retêm partículas sólidas presentes no ar), abrigam e alimentam animais silvestres (principalmente pássaros), diminuem a incidência de luz à noite, provocada pela iluminação pública e por faróis de automóveis, e valorizam imóveis residenciais e comerciais.

A arborização no Rio de Janeiro é bem diversificada e incorpora espécies nativas (ipês, quaresmeiras e oitis) e exóticas (ficus, *flamboyants*, mangueiras, jaqueiras, amendoeiras etc.). Em planos de arborização são levados em conta todos os elementos urbanos existentes próximos ao local onde a muda será plantada. De posse destes dados, os técnicos da prefeitura procuram indicar – de preferência entre as espécies nativas – as árvores mais adequadas a cada local, minimizando a incidência de conflitos que levam a podas sucessivas e ao estresse das plantas. Assim, numa rua em que há fiação aérea, são plantadas preferencialmente árvores de pequeno porte, ou seja, espécies arbustivas.



O Parque Tom Jobim, na Lagoa

Devido a fatores históricos relacionados à ocupação e ao desenvolvimento da cidade, bairros da Zona Sul apresentam arborização mais antiga e consolidada. Neles, a manutenção das árvores traduz-se pela realização de podas periódicas e pelo plantio de novas mudas em substituição a árvores comprometidas em seu desenvolvimento (mortas ou em estado fitossanitário que implique risco à população). Como nas Zonas Norte e Oeste o quadro não é o mesmo, a prefeitura concentra a maior parte dos plantios nas ruas e praças de bairros destas regiões, contribuindo, assim, para melhorar sua qualidade de vida.

Os serviços relacionados à conservação das árvores limitam-se a podas periódicas para reduzir conflitos com os equipamentos urbanos existentes: desobstrução de sinais e placas de trânsito, fiação aérea (rede elétrica, de telefonia), telhados e janelas etc. Fazem-se também tanto podas de limpeza com vistas ao controle da incidência de pragas, como a erva-de-passarinho, como a remoção de árvores mortas ou irremediavelmente comprometidas, seguida, claro, do plantio de uma nova muda. Afinal, o objetivo é manter vivas essas espécies que fazem do Rio de Janeiro uma das capitais mais arborizadas do Brasil. ■

SERVIÇO

Coordenação do Programa de Adoção de Áreas Verdes
Informações: 2323-3509 / 2323-3567
E-mail: pcastro@pcrj.rj.gov.br
www.rio.rj.gov.br/fpj

Esporte a serviço da educação

Clubes escolares divertem e educam alunos da Rede de todos os bairros da cidade



Um lugar onde crianças e adolescentes podem aprender vários esportes e que pode ser freqüentado durante todo o ano letivo sem qualquer custo. Parece impossível? Mas não é. Estamos falando dos clubes escolares, uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação (SME) que proporciona aos alunos da Rede um espaço para aprimorar a prática de vários esportes. Atualmente, são 12 clubes, espalhados pelas 10 coordenadorias regionais (CREs).

Embora alguns dos clubes escolares funcionem nas escolas da Rede, é possível encontrar unidades em locais como a Vila Olímpica da Mangueira ou mesmo nas instalações do Hospital Psiquiátrico Pedro II. As atividades acontecem pela manhã e pela tarde, e as matrículas estão abertas a todos os alunos das escolas municipais, independentemente do bairro onde morem.

Atividades como futebol, natação, vôlei, basquete, atletismo, capoeira, dança etc. são ministradas por cerca de 150 professores de educação física da Rede. O aluno que quiser participar precisa apenas escolher a unidade que vai freqüentar e se matricular. Normalmente, as matrículas são realizadas no mês de fevereiro.

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

DIVULGAÇÃO

Vencer os limites— Os primeiros clubes começaram a funcionar no início dos anos 1990. Hoje, atendem a cerca de 13 mil alunos de

toda a Rede e a freqüência vem crescendo a cada ano. A intenção da SME é aumentar a oferta de opções para atender a um número maior de alunos. “A proposta é envolver crianças e adolescentes em atividades que sejam lúdicas, prazerosas e que ao mesmo tempo abram-lhes novas possibilidades. Eles poderão perceber seus limites e saber como ultrapassá-los, que é o que todos nós procuramos na vida”, afirma o supervisor do Programa de Extensão Educacional da SME, Marco Miranda, responsável pela coordenação dos clubes escolares.

Miranda acrescenta que o trabalho tem rendido bons frutos. Ele ressalta que o objetivo não é formar atletas profissionais e sim utilizar os princípios básicos do esporte em prol da educação. “Ao freqüentar um clube, o aluno está em um espaço educativo, que lhe oferece um novo mundo, com várias opções. Assim, não se envolve em atividades que possam comprometer o seu futuro”, frisa.

Para o supervisor, além de aprofundar conhecimentos nos diversos esportes oferecidos, os alunos, de quebra, ainda aprendem lições úteis para as suas vidas. “Quando se dedicam a uma atividade lúdica, eles melhoram o rendimento escolar e o comportamento na escola, pois o esporte enfatiza regras e privilegia o convívio — dá um senso de equipe, de coletividade. Eles levam isso para a vida. Eles adoram os clubes escolares”, conclui. ■

Aliado virtual na SME

Intranet oferece informações e serviços que ajudam professores na rotina escolar

Uma ferramenta que oferece serviços úteis e diversificados. Trata-se da intranet da Secretaria Municipal de Educação (SME), uma página virtual onde os professores podem ficar em sintonia com ações de informática educativa, obter dicas sobre uso do computador, acessar publicações e pesquisar trabalhos de alunos e professores por assunto. Tudo isso de forma simples e rápida.

Pela página, os professores podem se inteirar das atividades de informática educativa realizadas durante o ano. Podem também obter informações sobre cursos oferecidos tanto pela área de informática básica como educativa. Como opção aos cursos, podem baixar e salvar no computador duas apostilas muito úteis, na seção Informática Educativa. As inscrições para os cursos normalmente são feitas *on line*.

Na seção Destaque, os profissionais de educação podem ter acesso a relatórios de participação de representantes da SME em congressos e seminários e compartilhar essas experiências com outros profissionais da Rede. A intranet permite também consultar os calendários escolar e de creches para o ano letivo de 2006. Na seção Links – e também pela internet – os professores podem visualizar seus contracheques e ter acesso a jornais e revistas de interesse geral. Na seção Serviços, está disponível uma agenda de telefones da SME.

Auxílio providencial – Se tiver dificuldade em utilizar programas de computador, o professor poderá contar com uma “mãozinha” providencial da Assessoria de Informática. É que há na página uma seção com manuais em formato .pdf para *download*, com detalhes de utilização da maior parte dos programas utilizados pela rede municipal de ensino. Embora direcionados ao pessoal do suporte técnico, esses manuais também são úteis para professores. Dão, por exemplo, dicas para

realizar pesquisas pela internet, utilizar portais de instituições financeiras de forma segura e resolver problemas corriqueiros de microinformática que podem surgir, por exemplo, na hora de imprimir um documento ou ligar o computador e o monitor. Por último, é também possível baixar os programas Open Office, editor de textos utilizado na Rede, e Adobe Acrobat Reader, que serve para visualizar textos e imagens em formato .pdf.

Na barra superior, na seção Publicações, professores podem acessar o currículo Multieducação e a revista *Escola e Família*, publicada pela Secretaria e direcionada a pais de alunos. A seção traz ainda a revista NÓS DA ESCOLA, o informativo *Semando mudanças*, editado pelo Departamento de Recursos Humanos, e *O corujão*, publicação do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja).

Outro recurso muito útil é o dedicado ao Centro Arquivístico, onde está disponível o Espaço SME. Nele, os profissionais de educação podem pesquisar obras produzidas por alunos, professores e profissionais da Secretaria, além de documentos administrativos, edições do *Diário Oficial*, fotografias e fitas de vídeo, entre outros produtos. ■

TEXTO

FÁBIO ARANHA

IMAGEM

REPRODUÇÃO DA PÁGINA



Gestão participativa: uma conquista

Demerval Saviani encontra um paralelo entre a origem da escola na história e a divisão social dos homens em classes, ou seja, quando as terras são divididas, o mesmo se faz com o conhecimento historicamente mediado pelo trabalho no campo. Conseqüentemente, passa-se a ter dois tipos de classe social e, portanto, duas escolas: uma para os trabalhadores da terra e outra para os donos.

Isso explica a situação de dominação que as classes privilegiadas passaram a exercer sobre as trabalhadoras e, com isso, o início de uma escola vinculada às relações de poder e dominação. Com a divisão de classes, a cultura escolar é também dividida e faz com que a educação refinada e intelectual seja ministrada ao grupo dominante, ao qual também caberá a gestão da escola, restando a muitos o ensino prático para o trabalho.

Assim, compreendemos como essa cultura histórica e centralizadora veio se reproduzindo há até bem poucos anos em nossas escolas, dentro de uma visão tradicional de gerir espaços escolares. A concepção de uma gestão escolar democrática surgiu como um movimento de enfrentamento a essa tendência tradicional de centralização de poder.

Iniciado na década de 1980, o movimento de descentralização da gestão nas escolas públicas vem a cada dia tomando mais força e contribuindo para um melhor entendimento da escola e das relações interpessoais que ali se passam. A legitimação da gestão participativa veio com a Lei de Diretrizes e Bases N° 9394/96, que significou um importante passo em direção à democratização do ensino, considerando-se o seu teor burocrático-administrativo e pedagógico.

Segundo Heloisa Luck, Catia Freitas *et al.*, “o movimento em favor da descentralização e da democratização da gestão das escolas públicas (...) concentra-se em três vertentes básicas da gestão escolar: participação da comunidade escolar na seleção dos diretores da escola;

criação de um colegiado/conselho escolar que tenha tanto autoridade deliberativa quanto poder decisório e repasse de recursos financeiros às escolas e, conseqüentemente, aumento de sua autonomia”.

A possibilidade de encontrar uma gestão democrática em um universo público de educação rompe com a visão também tradicional de que na instituição pública de ensino cabe apenas ao diretor e adjuntos o poder de decisão. Significa um estímulo à participação de todos os atores da escola na transformação social. Como registra Vítor Paro, “a administração escolar pautada pelo autoritarismo em suas relações e pela ausência de participação dos diversos setores da escola e da comunidade em sua realização não se coaduna com uma concepção de sociedade democrática a que se pretende chegar através da transformação social”.

Ao lidar com os temas escola e comunidade, é preciso estar atento ao fato de que são duas instituições distintas, embora “de caráter educacional, uma vez que família e escola se concentram em um eixo principal que é o aluno e o binômio ensino-aprendizagem”, como salienta Marcus Cunha.

Segundo a magistral conceituação de Neidson Rodrigues, “a educação, entendida como processo de formação humana, atua sobre os meios para a reprodução da vida – e essa é sua dimensão mais visível e prática – bem como coopera para estender a aptidão do homem para olhar, perceber e compreender as coisas, para se conhecer na percepção do outro, constituir sua própria identidade, distinguir as semelhanças e diferenças entre si e o mundo das coisas, entre si e outros sujeitos”. Esta conceituação nos remete a questões que ultrapassam o viés meramente formal das escolas, trazendo uma reflexão sobre o olhar no outro, fazendo-nos perceber que não somos iguais, que aprendemos juntos e, o melhor, que erramos juntos.

É relevante, em primeiro lugar, compreender a flexibilidade que permeia esta relação, uma vez

que a escola, por seu papel histórico e oficializado, torna-se o aspecto instituído, enquanto que a comunidade, caracterizada pelo cotidiano social e alheia aos preceitos organizacionais legitimados, torna-se o aspecto instituinte.

Para proporcionar um verdadeiro espaço para a comunidade, a escola precisa flexibilizar sua rotina rígida e delegar poderes. Em pesquisa realizada no em uma escola da Rede¹, verifiquei que a gestão cede esse espaço, permitindo uma atuação do meio social em que está inserida no plano real, viabilizando os processos de auto-análise e autogestão para que, além de participarem das decisões, as pessoas também se conheçam.

Em uma releitura de Lapassade, esses processos se explicam respectivamente como a construção do conhecimento acerca de si (da própria comunidade) e a organização e reestruturação da realidade (pela comunidade). O que leva a uma análise institucional fundamentada em três níveis a saber: o Estado, com seu conjunto de leis que regem a conduta do todo social; a organização, isto é, os estabelecimentos com seus regimes e regulamentos e o grupo, que compreende a vida cotidiana, desde a família aos grupos de trabalho.

Um ponto central nesse trabalho foi verificar as características da implantação do projeto de gestão participativa construído coletivamente dentro da instituição escolar. Para que o trabalho de investigação tivesse maior coerência, procurei detectar, inicialmente, de que forma a escola trouxe a comunidade para dentro de seu espaço e como a construção da relação entre ambas se efetivou.

Tão importante quanto uma sólida linha de comunicação entre os sujeitos que compõem a estrutura escolar está a atuação do corpo docente nas decisões na escola. Acostumamo-nos a ver o professor voltado apenas para a sala de aula, decidindo apenas sobre conteúdos, métodos e planejamentos.

Para uma real noção da participação dos professores, resolvi argui-los sobre seu envolvimento no processo decisório da escola. As respostas dos docentes e a participação da comunidade definiram o perfil participativo dessa gestão. Percebi, na fala dos professores, a segurança e o grau de comprometimento com a instituição.

Há até bem pouco tempo, não pensaríamos uma merendeira colocando questões de organização do refeitório num centro de estudos. Uma das características da gestão participativa é que ela diminui a distância entre as pessoas, organizando o processo de interação de forma que um possa auxiliar o outro nas tarefas do todo escolar.

Alguns fatos me levaram a crer que a comunidade demonstrava receio em estar no interior da instituição escolar, talvez porque ao longo dos anos esta sempre se mostrou fechada, deixando claro, por seus altos muros e portões de grade e ferro, que escola era lugar de aluno, ou seja, de criança. A comunidade ainda não tem plenamente estabelecida a prática da participação. A gestão participativa ainda está mais ligada a um movimento que parte da escola para a comunidade do que a uma reivindicação da própria realidade social circundante. Tudo ainda está acontecendo, talvez por uma diferença entre chegar e encontrar tudo pronto ou ser requisitado a fazer, uma vez que fazer requer tempo, boa vontade e compromisso.

Tendo conhecimento de toda a influência que a tendência tradicional incorporou à nossa concepção de educação, fica claro perceber por que a hierarquização da gestão nas instituições escolares deixou marcas que se relevam num afastamento entre instituídos e instituintes e no ressentimento destes últimos, construído culturalmente ao longo dos anos. É preciso desconstruir uma postura de décadas, onde o poder decisório na escola sempre esteve nas mãos de uma única pessoa.

Vivemos um novo paradigma de administração escolar. Atualmente a escola não é mais o lugar apenas de professores e alunos, mas igualmente de cooperadores, sejam eles pais, comerciantes, ►



Stelamaris Rosa Cabral
Professora regente no Ciep Dr. Nelson Hungria. Graduada em pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (Unesa) e pós-graduada em Supervisão e Orientação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

¹ A autora refere-se a pesquisa realizada no âmbito da educação infantil e primeiro segmento do ensino fundamental no Ciep Dr. Nelson Hungria, em Paciência, Rio de Janeiro.

profissionais liberais, onde encontram um espaço para múltiplos diálogos. Com isso, ambas as partes se beneficiam, pois trabalham o terreno das possibilidades reais, consciente e criticamente.

Segundo Vitor Paro, a administração democrática “deve ter como meta a constituição, na escola, de um novo trabalhador coletivo que, sem constrangimentos da gerência capitalista e da parcelização desumana do trabalho, seja uma decorrência do trabalho cooperativo de todos os envolvidos no processo escolar, guiados por uma ‘vontade coletiva’, em direção ao alcance dos objetivos verdadeiramente educacionais da escola”.

Essa vontade coletiva tem de se adaptar às novas formas de relacionamento que passam o diálogo entre comunidade e es-

cola e, indo além, entre trabalho e educação. O gestor não pode mais ser aquele que fica apenas dentro de sua sala, sem saber o que se passa de verdade ao seu redor.

Por não ser a escola uma instituição neutra, as transformações tecnológicas e as novas relações de trabalho adentram e mexem com o seu cotidiano. Não é possível mais a concepção de uma escola ilhada, longe da dinâmica social que a circunda.

Aquele que administra *oficialmente* a instituição precisa estar pronto para perceber as falas da comunidade e convertê-las em benefícios para todos. O papel do gestor participativo, nestes novos rumos que a educação toma, neste início de século, é o de *ser* da comunidade e não o de *ter* a comunidade. ■

PREFEITURA DO RIO

EDUCAÇÃO **MULTIRIO**

Nós da Escola: a revista do professor do Rio também na TV e na web.

Toda quarta, às 14h, na BandRio, e em horários alternativos no canal 14 da Net. Acesse www.multirio.rj.gov.br para saber mais.

RIO 27 logo: Patrocinadora oficial da PREFEITURA DO RIO, uma rede de escolas.

PREFEITURA DO RIO EDUCAÇÃO MULTIRIO

SME fixa metas para 2006

Combate à evasão escolar e centro de pesquisas acadêmicas estão entre as prioridades deste ano



Aula inaugural é a primeira de um período escolar ou de uma disciplina. Nela são apresentadas aos professores e alunos a plataforma de ensino e a dinâmica das atividades que serão desenvolvidas ao longo do ano. A aula de abertura deste ano letivo da rede municipal de ensino aconteceu no dia 2 de fevereiro, em programa de TV ao vivo, produzido pela MULTIRIO. A secretária municipal de Educação, Sonia Mograbi, a presidente da MULTIRIO, Regina de Assis e a diretora do Departamento Geral de Educação da SME, Leny Corrêa Datrino, falaram sobre as metas¹ para a educação municipal em 2006, publicadas no *Diário Oficial* do município em 27 de dezembro de 2005².

Com uma proposta de reflexão sobre as metas que apoiarão e impulsionarão o trabalho que será realizado durante o ano, algumas questões tiveram destaque na fala das três convidadas do programa. O combate à evasão escolar, a expansão do regime de ciclos na rede municipal, a atualização em serviço de professores, entre outras, que serão desenvolvidas de forma articulada com a MULTIRIO, estão entre as

principais metas deste ano letivo. O censo do professor, a ampliação dos mecanismos de comunicação com o cidadão, a realização de concurso público para professores e a criação de centros de pesquisas acadêmicas também estão incluídos nas prioridades, planejadas em parceria com diferentes órgãos da prefeitura, universidades e outras instituições. ■

TEXTO

CRISTINA CAMPOS

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

¹ O conceito de inclusão é um dos destaques entre as metas para 2006. O professor a promove quando valoriza o conhecimento prévio dos alunos, isto é, não ignora o que eles trazem para a escola, o que lhes permite reconstruir significados para a constituição de um novo conhecimento. Sabemos que constituímos conhecimentos estabelecendo relações entre fatos, informações, imagens, notícias e assim por diante, e que essas relações estão pautadas em nossas experiências nos diferentes espaços sociais. Valorizar a experiência dos alunos enriquece o cotidiano escolar, facilita a aprendizagem, eleva a auto-estima e auxilia o trabalho do professor.

² O Decreto n.º 26.151 que dispõe sobre as prioridades para o ano de 2006 está publicado no *Diário Oficial* do dia 27 de dezembro de 2005. Nele, o prefeito Cesar Maia aponta as metas de alguns órgãos da administração municipal que balizarão as ações desenvolvidas em 2006.

Os compromissos deste ano

SME

1. continuar diminuindo a evasão, buscando ações integradas com a macrofunção de políticas sociais;
2. melhorar o desempenho com o objetivo de ampliar os percentuais de conclusão do ensino fundamental (8ª série);
3. concluir as discussões sobre a ciclagem da Rede;
4. aprofundar o processo de gestão participativa, aprimorando os mecanismos de comunicação através das ouvidorias, dos Conselhos Escola-Comunidade (CECs), conselhos de representantes de todos os segmentos da comunidade escolar, fortalecendo a relação com as famílias;
5. ampliar o atendimento na educação infantil, com foco na pré-escola (quatro a cinco anos), no sentido de sua universalização (agenda social do Pan), através da construção de novos espaços e da otimização dos existentes, com a utilização de transporte escolar;
6. planejar de forma integrada com a MULTIRIO ações de apoio pedagógico e de formação continuada à distância, dentro dos parâmetros definidos pela Prefeitura, ampliando o acesso das unidades escolares às novas tecnologias;
7. efetivar o censo do perfil do professor em parceria com o Instituto Pereira Passos (IPP), para conhecimento e melhor aproveitamento dos profissionais que compõem a rede municipal de ensino;
8. realizar concursos de professores para provimento das necessidades da Rede e de agente auxiliar de creche para a melhoria da qualidade e a construção gradativa de um quadro próprio nas creches públicas municipais;
9. continuar priorizando as obras nas áreas de grande demanda da cidade, cujo crescimento populacional ultrapassa os índices históricos;
10. ampliar a dimensão educativa, através do estabelecimento de parcerias com instituições dentro e fora da Prefeitura, visando desenvolver as potencialidades de nossos jovens em diversas áreas;
11. fortalecer o acompanhamento integrado, visando à melhoria da qualidade da gestão, em todos os níveis, com foco nas ações propostas no Plano Plurianual, para a melhoria dos indicadores, atendendo ao princípio da economicidade;
12. aprofundar as parcerias com o Instituto Pereira Passos (IPP), centros de pesquisas e universidades no sentido de articular propostas de construção da memória educacional da cidade, com vistas à formulação de políticas públicas visando cenários futuros.

MULTIRIO

1. integração plena com o Órgão Central, as Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) e escolas da Prefeitura do Rio, no processo de planejamento, criação, produção e avaliação de produtos para os alunos e professores;
2. integração com o planejamento da SME para viabilizar a infra-estrutura de apoio e manutenção dos recursos audiovisuais nas escolas municipais, dentro da política definida pelo prefeito, a Controladoria Geral do Município (CGM) e a Empresa Municipal de Informática (Iplan-Rio), considerando a demanda atual e potencial e a especificidade do uso de mídias para a educação na cidade do Rio de Janeiro;
3. definição de objetivos de análise para um programa integrado de pesquisa com a SME sobre prospecção de produtos e avaliação de impacto na rede de escolas da Prefeitura do Rio, visando melhor desempenho pedagógico de alunos e professores;
4. definição de estratégias de atualização em serviço dos professores municipais com o Departamento Geral de Educação (DGED/SME), de modo a magnificar os efeitos benéficos do trabalho de planejamento integrado de ações com a política educacional da SME;
5. ampliar e aprofundar, através da produção de mídias, o atendimento às demandas da educação infantil, da política de ciclos, das classes de progressão, do uso de animações integradas às práticas pedagógicas, da educação especial, do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja), das famílias de nossos alunos e do uso das estratégias de educação a distância, através da internet, com os nossos professores;
6. dimensionar junto à Secretaria Especial de Publicidade, Propaganda e Pesquisa (Seprop) as funções de uma equipe de atendimento ao Gabinete do Prefeito (GBP) e aos demais órgãos da Prefeitura do Rio;
7. intensificar a criação e produção de mídias dentro do escopo da agenda social referente ao Pan-2007;
8. desenvolver e sustentar as ações sobre a discussão crítica e a produção de mídia de qualidade, para crianças e adolescentes, através do trabalho integrado entre a Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e SME/MULTIRIO/Riomídia;
9. iniciar com a SMC/Riofilmes/SME a digitalização do acervo da MULTIRIO, para viabilizar o patrimônio do audiovisual da cidade do Rio de Janeiro, a ser abrigado na própria MULTIRIO e na Riofilmes;
10. realizar com a RioUrbe as obras de adaptação dos espaços ocupados pelas duas empresas no prédio do Largo dos Leões 15, de modo a viabilizar maior produtividade e qualidade na execução de nosso trabalho.



Vinte e quatro horas no ar

Portal ganha nova versão e reúne informação, conteúdo pedagógico e serviço para o professor

Um consistente conteúdo sobre educação, organizado de forma mais clara e acessível, com variados recursos *web*, como vídeos e áudios; informações sobre a MULTIRIO e suas realizações; acesso à programação da TV sempre atualizada. Essas são algumas das atrações do Portal Multirio, que em novembro de 2005 ganhou nova versão, com áreas bem definidas e navegação mais ágil.

São centenas de páginas eletrônicas reunindo uma vasta gama de assuntos: matérias jornalísticas sobre temas pedagógicos; projetos desenvolvidos nas escolas e cadastrados no portal pelos professores, reprodução em vídeo de trechos de programas de TV e dos desenhos animados da série *Juro que vi*, a coleção completa da revista NÓS DA ESCOLA para *download*, entre muitos outros conteúdos. Tudo com fácil acesso pelo sistema de busca, que agora varre todo o portal com rapidez, bastando que se digite uma palavra ou expressão referente ao assunto desejado.

Os conteúdos voltados especialmente aos professores estão reunidos na área Nós da Escola, consolidando a versão para a internet de um produto da MULTIRIO já consagrado em meio impresso e pela TV, com o mesmo nome e a mesma orientação – apoiar a prática do professor e divulgar as experiências desenvolvidas nas escolas da Prefeitura do Rio. Textos, desenhos, vídeos, rádios escolares e muitas outras produções de professores e alunos podem ser acessadas na área Nós da Escola do portal. “Essa área para professores deverá ser gradativamente ampliada, com a criação de ambientes colaborativos

virtuais, espaços de convivência que possibilitam a construção, a inserção e a troca de informações e experiências pelos participantes visando à constituição de novos conhecimentos”, explica a editora do portal, Eliane Bardanachvili. Nessa perspectiva de participação, ela ressalta que o portal está aberto, desde já, às contribuições dos professores, seja sugerindo pautas, seja cadastrando seus projetos na seção Multidéias, ou produzindo artigos para a seção Opinião. “Além disso, todos os professores podem se cadastrar para receber via *e-mail* o informe semanal sobre a MULTIRIO”, lembra Eliane.

Entre os projetos para 2006, está também a criação de uma área voltada aos alunos da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. “O portal está sempre em transformação. Queremos oferecer aos alunos conteúdo especialmente produzido para eles, com jogos e outras atividades *on-line*, sempre em sintonia com o perfil da MULTIRIO de associar educação, cultura e entretenimento”, diz a editora.

Atualizado sempre às sextas-feiras, o portal dá acesso também aos *sites* Século XX1 e Rio Mídia, projetos especiais da MULTIRIO. Enquanto o conteúdo do Século XX1 reúne excelentes textos sobre assuntos contemporâneos, o *site* do Rio Mídia, Centro de Referência em Mídias para Crianças e Adolescentes disponibiliza informações, matérias e entrevistas relacionadas à temática da mídia de qualidade, formando um rico banco de dados. “Queremos fazer com que cada vez mais o portal expresse a MULTIRIO via internet, de modo que a empresa e tudo o que ela produz estejam ao alcance de seu público 24 horas por dia”, ressalta Eliane. ■

TEXTO

ALESSANDRA SAUBERMANN

IMAGENS

PORTAL DA MULTIRIO

Os limites e as muitas poss



habilidades do nosso corpo

Cambalhotas, número de trapézio, contorcionismo, dança e recursos teatrais. Quem já assistiu a um destes espetáculos de arte envolvendo equilíbrio, ritmos variados e movimentos ousados sabe o que se pode chamar de brincar com o corpo. E mais: saber fazer isso com uma interação harmônica. Esses grupos que aliam dança, arte e atividades circenses conseguem sintetizar o que podemos entender como controle, educação e exploração máxima dos seus próprios corpos em movimentos lúdicos plenos de expressão e de encantamento. Mas para os educadores, e para o público em geral, ficam algumas perguntas: por que é importante conhecer o que significa a expressão corporal dentro do espaço lúdico e qual a sua importância para o desenvolvimento e aprendizagem humanos e na interação com os outros?



Ao surgir, o homem, dono de um corpo único, compreende a utilidade e a importância de suas ações, por serem determinantes para todas as atividades: caçar, pescar, se defender, demonstrar afeto. A história humana é plena de constante atividade física e resultado da interação dessa atividade com a natureza. Em artigo sobre a consciência do corpo, a professora titular de psicologia geral e experimental da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC), Barbara Iwanowics, lembra a transformação que se deu na medida em que o desenvolvimento da tecnologia e a ênfase na capacidade intelectual determinaram um distanciamento do homem da necessidade de usar diretamente o próprio corpo. Muito se deve à presença das máquinas no nosso cotidiano.

Ainda que esse afastamento tenha sido crescente até hoje, é inevitável pensar que a primeira relação da criança ao nascer com o meio físico e social se dá através do próprio corpo. Como não sabe se comunicar por palavras ou códigos gestuais estabelecidos, é a linguagem corporal que vai dizer aos pais o que ela quer. E é também por meio das sensações dos corpos dos pais junto com o seu que se sentirá mais ou menos aquecida, cuidada, protegida e amada.

Nessa via de mão dupla, mesmo não havendo um caráter lúdico permanente no início de vida, é através de movimentos e de indicações expressas pelo corpo ao tentar rolar, mexer-se, pegar objetos, levá-los à boca, tocar-se e ao outro, que o mundo vai sendo descoberto, conhecido e experimentado. Brincando de pegar, jogar, aproximar e de distanciar, de esconder e de encontrar, esse pequeno ser vai agindo no e sobre o mundo. “É uma maneira de a criança entrar no mundo adulto, que é assustador. Ela encontra o lúdico como mediador social. O lúdico é um amortecedor”, sugere o psicomotricista e diretor do Instituto Brasileiro de Acompanhamento Terapêutico e Inclusão Social (Ibatis), Luiz Gustavo Vasconcellos.

De acordo com Barbara Iwanowics, é pelo corpo que recebemos as informações sobre o que acontece fora e dentro de nós. “Essa ‘informática’ corporal serve como base para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo”, ressalta a professora de

psicologia. E é justamente o ato de brincar que propicia não só o desenvolvimento cognitivo, mas também socioafetivo e psicológico, ao convidar para novas experiências e, com isso, ampliar possibilidades e o reconhecimento de limites a serem superados. E a aprendizagem ocorre dentro de uma cultura, de uma sociedade organizada com regras e leis, permissões e interdições.

A relação que estabelecemos com brinquedos e brincadeiras se transforma ao longo da vida e deve levar sempre em conta a conexão entre corpo e emoção, fantasia e razão, assim como aspectos relativos a expressão e linguagem oral, como histórias, adivinhas, danças e também jogos que estimulam o raciocínio, como xadrez, dama, jogo da velha. A convivência social na brincadeira é uma dimensão importante para os especialistas, já que mobiliza as relações intra e interpessoais, além de aproximar pais e filhos, irmãos, professores e alunos, educadores com seus pares e grupos de estudantes. O aspecto coletivo da brincadeira pode ser visto e vivido tanto numa *ola* no Maracanã quanto numa brincadeira comum de galinha choca.

Ao longo da vida, a criança vai aprendendo a não usar o corpo de modo tão natural, livre e espontâneo como fazia no início, distante ainda das regras sociais. Os adultos introduzem, de certa forma, os seus filhos no jogo das regras e dos limites que julgam corretos e desejáveis e ao mesmo tempo reprimem o que entendem como negativo dentro de seus valores, de sua cultura. “De um lado os pais não incentivam o contato com o meio, limitam esse contato através dos brinquedos e das proibições. Por outro, incentivam a curiosidade, mas limitam a experiência corporal, querendo que façam as coisas do jeito deles”, alega Barbara, em seu artigo.

É dever dos adultos favorecer espaços e as melhores condições para que as crianças se relacionem entre si e também com o meio, através de atividades lúdicas. Mas vale ressaltar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) lembra que cabe a eles também proteger, cuidar e garantir sua integridade física e psicológica. Quase sempre a fronteira entre essa liberdade assistida, o estímulo à ousadia e os critérios de proteção e cuidados são difíceis de ser delimitados.

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Espontaneidade e liberdade – O caráter lúdico, na opinião de Vasconcellos, reside justamente no que é espontâneo, livre, autêntico. Uma criança pode pegar um pano e usá-lo de várias maneiras diferentes, brincar com ele conforme sua criatividade. É capaz de ganhar um presente e se interessar mais pela embalagem do que propriamente pelo brinquedo. Jogar bola com um pedaço de papel amassado e fazer da rua, de um terreno abandonado, ou do próprio quarto, um campo de futebol.

As maneiras de brincar com o corpo também mudam conforme a época. Antes as crianças tinham mais liberdade para se divertir, interagir umas com as outras em espaços públicos como as ruas, as praças e os parques. As árvores e a natureza também contribuíam para que elas explorassem e desenvolvessem suas habilidades cognitivo-psicomotoras: subindo e descendo, transpondo e pulando. Para a professora de educação física e coordenadora geral dos Jogos Estudantis da Secretaria Municipal de Educação (SME), Cristina Brum, houve redução do repertório motor das nossas crianças ao longo do tempo.

Antigamente, havia mais liberdade para correr livremente pelas ruas. “Elas não tinham a dissociação do corpo e a mente. Hoje, o corpo está enjaulado, encerrado em uma camisa-de-força”, acredita a professora. Mesmo fazendo várias atividades com o corpo, como dança, esportes, lutas, ainda assim elas não têm plena vivência do aspecto lúdico. Justamente, porque a autonomia do brincar está inibida.

Essas mudanças se devem, como lembra Vasconcellos, também à violência. As pessoas

estão com medo e, por isso, se fecharam em condomínios ou dentro de suas casas. Nesse contexto, as crianças ficam restritas a um espaço menor, a uma vigília maior dos adultos e submetidas a um repertório de movimentos mais limitado. Mas, para o psicomotricista, é preciso enfrentar os desafios e isso é papel tanto dos pais quanto dos educadores. “O Rio é uma cidade que tem áreas de lazer, parques, floresta, praias. É preciso oferecer à criança essa vivência”, acrescenta. E os adultos, mais uma vez, devem proteger e cuidar de seus filhos para que possam ser livres, para brincar, conhecer e experimentar.

As diferentes culturas também influenciam a maneira de usar o corpo, de brincar com ele. E, ainda, os modos de vesti-lo expressam valores da família e da sociedade. E mais, são elas que determinam o que é próprio a cada idade, para meninos e para meninas, as brincadeiras mais apropriadas e até mesmo os lugares de brincar. Em alguns países, como nos Estados Unidos, as crianças aprendem desde cedo a não tocar umas nas outras, porque isso é encarado como invasão de privacidade, falta de respeito aos limites do colega. No Brasil, o abraço, o beijo, o aperto de mão são mais comuns. As crianças são apresentadas a brincadeiras que as aproximam pelo contato físico, como pique-pega, cabra-cega e até salada mista. “Nós, latinos, somos afetuosos; já os europeus têm comportamento diferente. Acho que culturalmente existe mesmo essa diferença na relação com o corpo desde cedo”, acredita Cristina Brum.

Corpo e afetividade – A relação que cada pessoa tem com o próprio corpo e com o do outro passa, inclusive, pela afetividade e pela expressão ▶

de sentimentos, que por sua vez têm relação com a forma como foram tratados na infância. A acrobata e coordenadora do Espaço de Criação da Intrépida Trupe, Vanda Jacques, ensina as técnicas do grupo de artistas a crianças de várias idades e condições socioeconômicas e consegue compreender um pouco do passado de algumas delas de acordo com o seu comportamento. Com isso, tem a possibilidade de refazer o presente.

Segundo Vanda, o que mais diferencia uma da outra é a educação e o carinho que receberam. “O grande problema hoje em dia é o afeto. A pessoa que não teve isso em casa vai dar menos afeto ainda aos filhos. Para algumas crianças você explica uma vez e elas entendem. Precisam de pouco estímulo, porque não lhes faltou afeto, água, terra, árvore... não lhes faltou correr, cair, se machucar. Há experiências que você só experimenta se caiu, se machucou. Isso depende muito da educação”, ressalta ela, que também é uma das fundadoras da trupe.

Para a acrobata, quando um bailarino ergue o outro na dança, se foi bem carregado na infância, vai ter sutileza, transmitir confiança e propiciar um relaxamento maior ao companheiro. Se

não teve afeto, provavelmente vai pegar seu par de modo a travá-lo, deixá-lo pouco à vontade. Sabe-se que a memória afetiva e sua relação com o corpo costuma se perpetuar até a vida adulta, na maior parte dos casos. Ainda assim, os educadores precisam apostar na capacidade infinita e muito sublime de cada pessoa refazer e ressignificar sua história durante a vida. Portanto, sem negar os possíveis impactos do excesso ou da falta de afeto na infância, é papel do professor ressaltar e defender a possibilidade de resgatar e de reconstruir as experiências vividas e alguns sonhos que podem vir a ser realizados.

A falta de estima, por exemplo, pode ser encarada também como um reflexo da vida moderna. Segundo o diretor do Ibatis, tem a ver com a maneira pela qual os pais estão lidando com os filhos. Por terem pouco tempo para eles, há uma permissividade maior, que ao contrário de aproximar pode criar um distanciamento afetivo. “Há uma dificuldade de falar de si, das próprias dificuldades. Em vez de se descobrir o porquê das coisas, se quer chegar logo aos resultados. É um efeito da aceleração”, explica Vasconcelos. Nesses casos, é dever dos educadores tentar aproximar pais e filhos através

Brincar é gostoso, desejável e necessário à vida

Usar o corpo para brincar não é só um mecanismo de desenvolvimento e de aprendizagem restrito à criança. Durante todas as fases da vida, as brincadeiras têm papel fundamental como atividade inerente ao ser humano. Segundo D.W. Winnicott, no entanto, brincar é, antes de tudo, uma atividade excitante, precária, lúdica e complexa, assim como o conhecimento da própria vida.

A criança muito pequena pega os objetos e os leva à boca, brinca sem separar a situação imaginária da real, se mexe, sorri, balança os braços. Ao crescer um pouco, passa a usar os objetos de maneira diferente – uma caixa vazia pode virar um trem ou um avião –, ela dá a dimensão que deseja, o imaginário está bastante presente. A expressão corporal serve como meio de socialização, de comunicação

com o outro. No jardim de infância, uma criança imita a outra, fazendo a mesma coisa e atraindo atenção. Daí a comunicação se estabelece. O adulto tem comportamentos idênticos, mesmo que sejam só esboçados.

Em um baile *funk*, por exemplo, o dançar tem caráter lúdico, espontâneo. Os jovens inventam coreografias e uns imitam os outros, repetindo passos iguais. Na fase adulta, o homem já tem códigos de conduta e postura, está domado para viver em sociedade.

A coordenadora do espaço da Intrépida Trupe, Vanda Jacques, acredita que participar de aulas de teatro ou de expressão corporal ajuda as pessoas a compreender melhor as fases mais difíceis da vida, como a adolescência, em que muitas vezes há um conflito na relação com o



de reuniões nas escolas ou promover com os alunos atividades congregadoras, lúdicas e participativas.

Viver nesse contexto urbano contemporâneo, de pressão, de falta de tempo e de espaço para brincar com outras crianças e com adultos da família, nesse clima de medo de violência que se dissemina por toda parte, inegavelmente, pode gerar angústia. As escolhas, as metas, os objetivos são diversificados e precisam ser exaustivamente negociados. E o corpo acaba expressando todas essas dificuldades de relacionamento, segundo o psicomotricista. Mas esses problemas falam de alguma forma, em especial os que se referem diretamente ao afeto, como explica o psicomotricista Gustavo Vasconcellos: “Existem crianças com dificuldade de se expressar, que têm um corpo hiperativo. Os movimentos são descoordenados, dispersos. Outras são tímidas, têm recursos limitados, se arriscam pouco”, exemplifica.

Brincadeira como tratamento – O pesquisador belga Godelieve Denys-Struyf, em seu livro *Cadeias musculares e articulares: o método GDS*, trata da leitura, da postura, dos gestos e das formas do corpo e utiliza o movimento como

princípio para a reeducação deles próprios. “Uma criança que é encolhida tem pouca auto-estima, falta gás. Se tem um joelho meio flexionado, sente falta de afeto. Então, para reequilibrar a postura, acaba jogando a cabeça para frente. Essas conseqüentes mudanças vão criando problemas no seu corpo”, explica Vanda.

Segundo a acrobata, o trabalho da Intrépida Trupe foi apontado por especialistas como uma aplicação prática desses ensinamentos teóricos. A solução para resgatar um equilíbrio corporal pode ser através de tratamento fisioterápico, mas também de forma lúdica: subindo em um pano, aprendendo a dar cambalhota, se equilibrando no trapézio, se reorganizando. “A criança mesmo se corrige, se descobre, quando brinca consigo mesma, com o outro, com diferentes texturas, diferentes posições do corpo e tem visões mais amplas do espaço”, acrescenta ela.

A psicomotricidade também ajuda o ser humano a compreender o próprio corpo. Explora espaços e materiais e permite a liberdade de expressão como retomada da autoconfiança e do autoconhecimento. Por isso, trabalha o corpo com dados objetivos ►

próprio corpo e com o do outro. Segundo ela, se desde criança o jovem tiver uma memória de rolar por cima do outro, de dar cambalhota junto, de se tocar, não vai ter tanta dificuldade. Se isso não acontecer, pode ter problemas em aceitar o crescimento repentino, as mudanças hormonais, e pode ter dificuldade de se inserir no grupo, de interagir com os demais.

“Dei aula de expressão corporal para uma turma que ia fazer vestibular. Começamos a perceber que uma pessoa que trabalha o corpo tem muito mais gás. Quando não tem problema de tocar o outro, quando o corpo está mais solto, consegue até se concentrar mais, não tem insônia. Não há aquela quantidade de hormônios mal gerenciados. Na verdade, o que todo ser humano precisa é de afeto. Todos querem ser aceitos”, acredita Vanda.

Quando procriam, as pessoas correm o risco de se tolher, abrindo mão do espontâneo, para educar. Na avaliação do psicomotricista Luiz Gustavo Vasconcellos, nos preocupamos em corrigir nos filhos os defeitos que nós próprios temos. “A pessoa se automonitora, se polícia, não descontrai. Quando se preocupa com o ridículo, na verdade está sendo adolescente. Nossa sociedade está se mantendo nessa fase, está demorando a amadurecer”, analisa.

Para Vasconcellos, o lúdico para o adulto é um alento, uma brecha, uma válvula de escape para os compromissos do dia-a-dia. Ele acredita que seria ideal que não se perdesse de vista a criança que há em cada um de nós, que o brincar fosse algo livre, feito com naturalidade.



e subjetivos, interagindo o tempo todo. É uma forma de ensinar como interagir com o meio, conhecer seus limites e possibilidades.

É uma combinação do que se quer com o que se pode. “Se eu consigo essa interação, é muito legal. Assim você desenvolve a crítica, a reflexão, a análise, percebe o outro. O lúdico é uma ferramenta pertinente. Mas não é só brincar e rir. É lidar com a criatividade, com a liberdade de ser quem é, ter a coragem de se expor, de perceber que erra”, ensina Vasconcellos.

Mas ter conhecimento do próprio corpo não significa transpor limites, explorar movimentos apenas como forma de desafiar a natureza. Segundo o psicomotricista, é preciso ter cuidado para não entender o corpo como algo performático, apolíneo, ou seja, de forma idealizada e, sim, concreta. “Uma pessoa que tem deficiência física pode ser mais autoconfiante em relação a suas habilidades motoras e ter a percepção do próprio corpo”, explica ele.

Um fenômeno percebido por profissionais de diferentes áreas é a nova dimensão que as pessoas

têm dado ao corpo. O caráter lúdico da expressão corporal vem perdendo espaço para o estético. Até as crianças querem se exercitar, correr, se movimentar, para ter um corpo que siga os padrões aceitos socialmente. “Hoje tenho alunas de 13 anos que desmaiam nas aulas de educação física porque estão sem comer, porque querem emagrecer. É importante que a pessoa reconheça que é preciso fazer exercício físico, mas que não fique restrito à academia”, alerta Cristina Brum.

Papel da escola – A professora de educação física entende que também a escola tem o papel de conscientização da criança e do adolescente sobre o próprio corpo. Segundo ela, é preciso mudar a forma de atuar, que é baseada apenas no aprendizado do esporte, onde as aulas ficam restritas a partidas de handebol, basquete, futebol. Seria necessário discutir uma questão que vem permeando o meio acadêmico desde o fim dos anos 80, que trabalha a cultura corporal do movimento.

Adotar apenas o esporte como meio de desenvolvimento motor é uma forma de reprodução mecânica de técnica e táticas de jogo, sem desenvolver

Recrear ou entreter?

FERNANDO CARVALHO*

Em pesquisa, em fase de conclusão¹, dirigida a professores e professoras de outras disciplinas, formulei a seguinte pergunta: “Qual é o papel das aulas de educação física na escola para você?” As respostas, em síntese, apontaram para funções de recrear/entreter, socializar, auxiliar outras disciplinas, ensinar esportes, dentre outras menos evidenciadas. Mas o que me chamou a atenção e deve ser destacado é o fato de que essas representações se manifestam incorporando sentidos escusos e aparentemente cristalizados que estigmatizam a disciplina na escola.

Nas representações obtidas, os papéis atribuídos a esse componente curricular estão mais para coadjuvantes do que para principais. Nada contra socializar, mas isso é incumbência de todos na escola e deve ser feito de forma crítica. Nada contra auxiliar outras disciplinas, só que isso deve vir sob uma ótica interdisciplinar, ou seja, sem hierarquia de saberes, com base numa proposta de ensino multifacetado. Nada contra o esporte, desde que isso componha um programa amplo e diversificado de conteúdos a serem ensinados – cultura corporal de movimento.

A tendência em atribuir à educação física a função de recrear/entreter – a mais mencionada neste estudo, por estar aparentemente sempre amalgamada ao princípio da ludicidade – se pauta no brincar pelo brincar. Não consegue ultrapassar a condição unicamente recreacionista, que faz com que a disciplina não se diferencie praticamente em nada do momento do recreio.

Parte dessa responsabilidade recai sobre o professor de educação física, que muitas vezes não diversifica os conteúdos a serem desenvolvidos nem se preocupa em dar-lhes continuidade lógica. E pior: não valorizando o ato educativo, opta por uma atuação pouco presente, quase sempre sem qualquer intervenção no andamento das atividades – em casos extremos, se retira por completo do processo ensino-aprendizagem.

Portanto, infelizmente, é muito comum não existirem diferenças entre educação física e recreio, mas acredito haver na escola um certo preconceito em relação aos momentos pedagógicos de vivências corporais em forma de brincar, que são traduzidos por momentos desprovidos de seriedade, com pouquíssima

a autocrítica, a capacidade de reflexão, a autonomia do indivíduo. Segundo o artigo “Metodologia da Educação Física Escolar”, trabalho coordenado pelo professor Helder Guerra de Resende, da Universidade Gama Filho, cabe à escola garantir a compreensão das noções, as habilidades, a possibilidade reflexiva da criança e do jovem, e com isso gerar seu bem-estar, sua auto-realização e qualidade de vida coletiva.

No que diz respeito à socialização, Cristina acredita que a esportivização é uma prática excludente na medida em que privilegia apenas o que domina a técnica, ainda que, o que não tem habilidade para determinada prática precise também estar integrado. Para ela, a função do professor é fazer com que todos sejam aceitos. Por isso, o conceito de cultura corporal abrange dança, luta, esportes, jogos, movimentos ginásticos, atletismo, movimentos circenses. “A educação física engloba também brincar de mimica de filmes, de jogar xadrez. Temos que estimular a expressão corporal”, complementa a professora. Com isso, a aula passa a dar uma vivência lúdica e desenvolve no sujeito um maior domínio de suas possibilidades. Aí, aparece novamente a

discussão sobre compreender o funcionamento do seu corpo, suas limitações e suas possibilidades.

Diante disso, o indivíduo não encararia a atividade física como algo restrito a uma hora, a um determinado tempo, ao período em que está inserido no ambiente escolar. A criança passa a compreender seu desenvolvimento psicomotor: percepção e controle do corpo, vivências sensoriais, lateralidade, coordenação, interdependência dos membros em relação ao corpo e em relação a eles mesmos, noção espacial e temporária. Portanto, ao ir a uma academia ou correr no calçadão, vai saber até onde pode estimular os músculos, o que acontece se adotar uma postura errada e os benefícios de uma atividade contínua. Isso se tornaria uma rotina até a fase adulta. Com essa perspectiva, o adulto se torna mais criativo e espontâneo e volta a compreender que movimentar o corpo deixa de ser uma obrigação para se tornar, acima de tudo, um ato lúdico, de prazer. Uma forma de expressar-se livremente e de se relacionar harmonicamente com si mesmo, com os outros e com o mundo. ■

SAIBA MAIS

Artigos e entrevistas sobre ludicidade podem ser encontrados na página do Rio Midia, da MULTIRIO (www.multirio.rj.gov.br/riomidia). NÓS DA ESCOLA nº 22 traz uma matéria sobre esporte e educação, tema de capa.

A edição nº 34 fala da corporatria, ou seja, da busca pelo corpo perfeito dentro dos padrões estéticos atuais. O quarto programa da série *Presente do futuro*, intitulado “Sob medida”, aborda problemas como obesidade e anorexia e sua relação com a aparência.

chance de proporcionar aprendizagem e desenvolvimento às crianças, se comparados aos momentos de sala de aula, na visão de uma parcela do corpo docente.

Desconfio de que as aulas de educação física podem ser vítimas desse engano por lançarem mão das brincadeiras – pedagogizando-as – como um de seus conteúdos de ensino e por ungiem-se com a essência lúdica da recreação, principalmente na educação infantil e entre a 1ª e a 4ª séries.

A rigor, estou tratando aqui de um componente curricular que representa o lúdico na escola, portanto, pouco sério, que necessita por vezes de espaço e material especiais; que não reprova; que “atrapalha” a dinâmica da escola; que seve para tudo, mas “não ensina nada”; e que os alunos adoram².

Portanto, assumir um sentido contrário a essa representação é reconhecer as brincadeiras como ações culturais, cuja intencionalidade e curiosidade resultam em um processo lúdico, autônomo, criativo, possibilitando a (re)construção de regras,

diferentes modos de lidar com o tempo, lugar, materiais e experiências, uso de diferentes linguagens verbais e não verbais. Ressaltando que somos e temos um corpo, e que nossa expressão no mundo está atrelada a ele e permeada pela cultura.

Ao que parece, esse caminho representa um grande salto que uma parte da comunidade escolar ainda não deu. Talvez coubesse, então, à educação física suscitar essa discussão, acrescida de uma atitude comprometida com o ato pedagógico austero, presente, interessado, para que, assim, o seu papel de entreter seja ultrapassado pelo papel “sério” de brincar, sem abandonar o caráter lúdico de divertir.

¹ Professor de educação física e mestrando em educação na Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

¹ Dissertação de mestrado a ser defendida em março de 2006, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora com o título: *Representações sociais sobre o papel da educação física escolar produzidas pelos(as) professores(as) de outras disciplinas*.

² Mourão e Pereira, 1995.

Alerta contra a gripe aviária

Instituto Butantã espera fabricar 20 mil doses da vacina até o segundo semestre deste ano



No final de 2005 a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou que a gripe aviária – ou doença do frango – pode se transformar em pandemia. Uma possibilidade assombrosa, principalmente quando já surgem comparações entre as possíveis conseqüências que a doença poderia causar no mundo do século XXI com o efeito devastador que a Peste Negra provocou na Europa do século XIV¹. Uma tragédia em potencial que há muito vem sendo anunciada: desde 1997 a OMS já acionava o alarme logo depois de constatar que o vírus da doença, o H5N1, havia deixado de infectar apenas animais e podia também ser transmitido para seres humanos.

“A gripe aviária deriva de vírus transmitido de aves migratórias para aves domésticas”, explica o presidente do Instituto Butantan, Isaias Raw. Aves doentes, suas fezes, ou mesmo sua carne não cozida podem contaminar pessoas – o mero preparo para cozimento pode causar infecção. A gripe das aves se caracteriza por uma deterioração rápida do aparelho respiratório, causando pneumonia viral e falência múltipla dos órgãos. Os principais sintomas são bastante parecidos com os da gripe comum: febre, tosse, dor de garganta e dor muscular, irritação nos olhos e dificuldades para respirar. O H5N1 causa complicações graves como a falência dos rins, inflamação do fígado (hepatite) e forte diarreia.

Mas se os sintomas são semelhantes, a hipótese do estrago não tem comparação. Em relatório de abril de 2004, a OMS não poderia ter sido mais incisiva: “há risco de que as condições presentes em certas regiões da Ásia resultem numa pandemia da gripe. (...) Segundo certas estimativas prudentes baseadas em modelos matemáticos, a próxima pandemia poderia provocar a morte de 2 a 7,4 milhões de pessoas”. Isaias diz que essa é uma possibilidade, mas não uma certeza: “Sem que haja transmissão entre humanos, não haverá epidemia ou pandemia. O vírus tem mutações frequentes e pode adquirir a competência de passar de uma pessoa para outra, ou mesmo de perder a infectividade e desaparecer”.

Desde o seu surgimento em 2003 até o início de 2006, o vírus da gripe aviária já havia infectado cerca de 250 pessoas, causando a morte de 80 delas. A maior parte dos casos foi diagnosticada no Leste da Ásia. O vírus se espalhou para a Turquia, com quatro casos fatais. A China já confirmou 10 pessoas contaminadas, com 30 focos da doença

¹ Peste Negra foi como ficou conhecida a pandemia de peste bubônica que dizimou 25 milhões de pessoas na Europa do século XIV – um terço da população mundial da época. A doença era transmitida por uma bactéria que se espalhava através das pulgas dos ratos. A peste atingiu também a China e o Oriente Médio.

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

ILUSTRAÇÃO

FÁBIO MUNIZ

em todo o país. Casos da gripe do frango já foram confirmados no Japão, Romênia e Reino Unido. No Iraque, existe a suspeita de contaminação de uma jovem de 15 anos que apresentava os sintomas da doença antes de morrer. Cientistas britânicos já identificaram mutações do vírus H5N1 em cadáveres humanos na Turquia.

Segundo alguns especialistas, é uma questão de tempo para o vírus da gripe aviária se tornar transmissível entre seres humanos. Essa possibilidade mobilizou a comunidade internacional, alarmada com o prejuízo de US\$ 800 bilhões estimado pelo Banco Mundial para o caso de uma pandemia planetária com duração de um ano. O fundo mundial de combate à doença receberá US\$ 1,9 bilhão provenientes de diversos países. Uma cifra que o próprio secretário-geral da ONU, Kofi Annan, considerou modesta, se comparada a uma eventual disseminação da doença pelos cinco continentes.

Mas o risco pode ser maior do que parece. Atualmente, a produção de vacinas para a gripe aviária é de 300 milhões de doses por ano, com a possibilidade de chegar a 900 milhões, em caso de pandemia. Preocupante para um planeta com 6,5 bilhões de habitantes. Inquietante quando se constata que 75% dessas vacinas são produzidas na Europa e os outros 25% nos Estados Unidos, Canadá, Japão, Rússia e China. Em caso de alastramento mundial do vírus H5N1, o que se espera é que esses países deixem de exportar sua produção local de vacinas para atender à população circunscrita a suas fronteiras.

No entanto, o Brasil pode ser o primeiro país da América Latina a produzir a vacina contra o vírus H5N1. O Instituto Butantan espera fabricar cerca de 20 mil doses no segundo semestre de 2006. O número seria suficiente para imunizar os brasileiros que eventualmente tivessem tido contato com os focos da doença em outros pa-

íses. A Argentina já anunciou que pretende fabricar e comercializar uma cópia do Tamiflu, um remédio produzido pelo laboratório farmacêutico suíço Roche que reduz o risco de morte das pessoas contaminadas pela doença. Além do Roche, o laboratório Glaxo Smith-Kline produz medicamento semelhante. Mas ambos resistem à quebra das patentes².

O Roche anunciou que aumentará a produção do medicamento e permitirá a comercialização de genéricos que utilizem sua fórmula, caso a gripe aviária realmente se alastre ao redor do mundo e se torne uma pandemia. Mas para milhões de pessoas poderá ser tarde demais. Além de um risco para a humanidade, o alastramento da gripe e as possíveis mutações do vírus H5N1 representam também um grande negócio para a indústria farmacêutica. São as regras da economia de mercado, que não poupam sequer a saúde pública. Como ironizou o ex-dirigente angolano Ben Bella: “Esse sistema, que já enlouqueceu as vacas, está enlouquecendo os homens”. ■

Prioridades internacionais

O surto de gripe aviária na Turquia nos primeiros dias de 2006 alarmou os governos dos países europeus. Pela primeira vez a doença provocada pelo vírus H5N1 causou a morte de pessoas fora do Leste da Ásia. Rapidamente representantes da Europa e dos Estados Unidos se reuniram para traçar uma estratégia contra a ameaça que os ronda. Esse tipo de mobilização, porém, não ocorre quando se trata de doenças graves que vêm dizimando populações pobres a uma distância segura das fronteiras dos países ricos. A malária, conhecida desde 1880, mata anualmente 1 milhão de pessoas nas regiões subdesenvolvidas do planeta. Segundo as estatísticas, ela acaba com a vida de uma criança a cada 30 segundos no continente africano. Uma doença da população marginalizada pelos modelos econômicos traçados pelos países do Norte. Além da malária, a Aids é outra doença que contribui para varrer a população miserável da África, onde morrem mais de dois terços das pessoas contaminadas pelo vírus HIV em todo o mundo. Mas a Aids, ao contrário da malária, castiga também parte do mundo dito desenvolvido. O suficiente para os ricos laboratórios se empenharem em centenas de pesquisas em busca de sua cura. A tuberculose é um exemplo semelhante. Segundo a OMS, existe 1,9 bilhão de pessoas infectadas pela bactéria da doença, mas nos últimos 20 anos não se tem notícia de um novo medicamento para o seu tratamento. É mais um caso de enfermidade quase restrita aos deserdados da economia de mercado, sem dinheiro para comprar na farmácia e com economias nacionais arruinadas o suficiente para não terem condições de prestar assistência à sua população.

SAIBA MAIS

NÓS DA ESCOLA nº. 31, 2005
“Centro produtor de vacinas”.
p. 26
Escritório Regional para
as Américas da OMS:
<http://www.opas.org.br/influenza/>

² As companhias farmacêuticas detêm direitos de comercialização sobre as fórmulas dos medicamentos que desenvolvem em seus laboratórios. Um acordo de propriedade intelectual no âmbito da OMC, firmado em 1994, prevê que em um país em qualquer situação de emergência, em relação a qualquer doença, pode requerer a quebra compulsória de patentes.

Infância no meio da tormenta

Trabalho infantil é problema social crônico e difícil de ser combatido em todo o mundo



O Brasil tem um compromisso assumido com a ONU (Organização das Nações Unidas) de erradicação do trabalho infantil até 2015, no âmbito das Metas do Milênio, estabelecidas no ano 2000, em Nova York, na maior reunião de dirigentes mundiais já realizada. De acordo com o último levantamento sobre o problema, realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), o número de crianças que trabalham no Brasil caiu 39,19% entre os anos de 1992 – quando o Programa Internacional de Eliminação do Trabalho Infantil (Ipec) foi implantado no país – e 2003. Segundo análises sobre esse ritmo de queda, o país só vai erradicar o trabalho infantil em 2022¹.

O que se costuma dizer das estatísticas é que não mentem. Mas o problema é que elas realmente não se preocupam muito com os dramas da realidade nua e crua. Para calcular a renda *per capita* de uma cidade, por exemplo, não pesa na consciência dos dados oficiais somar uma renda

de R\$ 10 mil com outra de R\$ 400, dividir o resultado por dois, e garantir que duas pessoas ganham R\$ 5.200 por mês. É a infalível frieza dos números, cujos gráficos, apontamentos e projeções são utilizados pelos diversos atores interessados, de acordo com as conveniências da hora, muitas vezes sem as necessárias considerações sobre os limites de sua eficácia.

São grandes as dificuldades para mapear a situação real. Estudioso do nascimento da moderna sociedade capitalista, o filósofo alemão Karl Marx, ainda no século XIX, relatou como os atestados médicos falsos que aumentavam a idade das crianças explicavam a queda vertiginosa das estatísticas

¹ A série de TV *Presente do futuro*, produzida pela MULTIRIO, aborda o tema do trabalho infantil no episódio “Tudo a seu tempo”. A série discute, através da dramaturgia, problemas vivenciados por crianças e adolescentes no dia-a-dia dos centros urbanos brasileiros e destaca a importância da escola pública em seus enfrentamentos.

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

IMAGENS

REPRODUÇÃO DE CARTAZES

DO UNICEF CONTRA O

TRABALHO INFANTIL

de meninos com menos de 13 anos de idade empregados nas fábricas para satisfazer a ânsia dos industriais por mão-de-obra barata. No Brasil, por volta de 1840, muitas crianças eram empregadas na indústria nascente no país. Essas eram literalmente alugadas em instituições de caridade ou asilos de órfãos.

Nessa época, era comum encontrar crianças de cinco ou seis anos de idade trabalhando 12 horas por dia na indústria têxtil, por exemplo. Mas a necessidade de dedos pequenos e ágeis para a produção não é coisa do século retrasado. Em São Paulo, crianças são utilizadas na colheita de laranjas, pois são mais leves que o adultos e assim não estragam as plantações. O mesmo acontece na colheita de abacaxis na Paraíba. Além do contato com agrotóxicos, essas crianças vão perdendo, com o passar do tempo, as suas digitais. Uma cruel metáfora sobre o futuro desses meninos e meninas usurpados de sua identidade.

Ao longo do século XX crianças e adolescentes tiveram seus direitos reconhecidos e garantidos por lei em todo o mundo, mas os números sobre trabalho infantil continuam a impressionar. Segundo a OIT, há atualmente cerca de 350 milhões de crianças trabalhando em todo o mundo. Na América Latina, são 19 milhões. No Brasil, em 2003, 4,8 milhões e as previsões anunciam que em 2015 ainda haverá 2,7 milhões de crianças trabalhando no país. Além disso, segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), anualmente cerca de 700 mil crianças são vítimas tanto do tráfico de seres humanos em condições de escravidão, ou de mão-de-obra barata, como do comércio sexual.

Nem trabalho nem crime: educação – Para Pedro Américo de Oliveira, coordenador no Brasil do Programa Internacional de Erradicação do Trabalho Infantil da OIT, a escola não pode perder espaço para outras prioridades na vida de uma criança: “A escola ainda tem um impacto decisivo na vida das pessoas. Quando se fala que é melhor uma criança pobre estar trabalhando do que roubando, incredivelmente se exclui a escola das alternativas possíveis para a utilização do tempo dessa criança, exatamente quando a escola deveria ser prioridade. Quando o senso comum diz

que uma criança pobre ou está trabalhando ou está roubando, não faz nada mais do que perpetuar essa condição de pobreza”, diz.

Nos dias de hoje, a predominância do setor informal na economia, onde não existe a figura do empregador, dificulta a fiscalização. O princípio legal da inviolabilidade do lar é uma barreira na identificação do trabalho infantil doméstico e em atividades ilícitas que também movem a economia, como o tráfico e plantio de entorpecentes e a exploração sexual de menores, é quase impossível um mapeamento realista do número de crianças envolvidas. Outro fator inibidor da produção de estatísticas e dos esforços de redução do trabalho infantil é o fato de as legislações nacionais e internacionais não proibirem o trabalho em regime familiar.

Há um consenso entre estudiosos, instituições e governos em relação ao principal fator que explica os números do trabalho infantil em todo o mundo: a pobreza. Mas essa relação direta não se esgota na questão do suprimento das necessidades básicas ou na necessidade de crianças trabalharem para complementar a renda familiar. Existem também as questões relacionadas à noção expressa no dito popular segundo o qual “o trabalho dignifica o homem”. Essa premissa do senso comum, que mascara de forma geral a exploração e o caráter ►

O trabalho como princípio educativo

Os princípios educativos previstos na Multieducação prevêem a compreensão sobre a importância do trabalho, visando à constituição de um posicionamento crítico sobre as questões culturais, políticas e sociais de seu tempo. De acordo com a Multieducação, “importa compreender que as crianças inseridas no mundo do trabalho têm que ser vistas com outro olhar, procurando-se compreendê-las, contextualizando-as no seu modo de vida, para que a partir de uma relação construída, levando-se em consideração a diferença e a heterogeneidade social e cultural, possam emergir os valores, conhecimentos, atitudes e habilidades que essas crianças possuem”. De acordo com esses princípios, a Secretaria Municipal de Educação (SME) mantém os Pólos de Educação pelo Trabalho, sob supervisão do Programa de Extensão Educacional. Os pólos atendem prioritariamente alunos matriculados na Rede, oferecendo oficinas onde o trabalho é entendido como princípio educativo. O projeto visa colocar a questão do trabalho diante das transformações de um mundo globalizado.

de classes antagônicas das relações entre patrões e empregados, serve muitas vezes para justificar moralmente o trabalho infantil.

Quando se trata de justificar o trabalho precoce de crianças pobres, o estratagema pode ser ainda mais cruel. O trabalho não-intelectual é encarado como a vocação natural da população marginalizada e meninos e meninas pobres entregues aos esforços do trabalho diário são vistos sempre como aqueles que não estão nas ruas sob o risco das más influências, do crime ou da vadiagem. Existe também um ciclo de reprodução da pobreza: crianças pobres não vão à escola, não se qualificam profissionalmente. Na vida adulta permanecem na pobreza por não terem recebido formação adequada e seus filhos têm grandes chances de ter um futuro semelhante.

As honrosas exceções estão sempre nos jornais e na TV apenas para confirmar a regra de exclusão. Números da OIT e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) demonstram que o salário médio, ao longo da vida, de uma pessoa que começou a trabalhar aos nove anos de idade é 35% maior do que o de quem já trabalhava aos cinco, e 80% maior se o adulto começou a trabalhar aos 18 anos. Dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) mostram ainda que cerca da metade das crianças que trabalham no Brasil nem sequer é remunerada e quase 90% das que recebem algum rendimento pelo trabalho irregular não chegam a ganhar o valor do salário mínimo.

Trabalho na sala de aula – Pedro Américo lembra que toda relação de trabalho é desigual entre patrão e empregado e prevê que as pessoas possam ser ouvidas e respeitadas por meio de reivindicações coletivas: “Todo cidadão precisa ter condições de negociar relações de trabalho decentes e para isso um adulto precisa ter um mínimo de formação, de auto-estima. Ora, se o trabalho infantil toma a maior parte do dia da criança, a educação se torna secundária. Dificilmente esse indivíduo vai ter condições suficientes para garantir seus direitos. Essa condição tende a impedir que o cidadão do futuro rompa com o ciclo de pobreza”, raciocina.

Apesar dos problemas, o Brasil é considerado modelo internacional na luta pela erradicação do trabalho infantil graças ao esforço persistente de diversos órgãos e instituições², como a OIT, o Unicef, Ministério do Trabalho e Emprego, Fóruns Nacional e Estaduais de Erradicação do Trabalho Infantil, dentre outros. Programas de transferência de renda baseados na exigência de que as famílias mantenham suas crianças matriculadas em escolas públicas vêm sendo apontados como um diferencial importante na redução dos índices de substituição da escola pelo trabalho.

Para Pedro Américo a escola também tem o seu papel a cumprir nesse esforço para garantir um futuro digno para as crianças do país. Além da constatação nem sempre óbvia de que a criança deve estar em sala de aula – e não trabalhando –, existe a dura realidade da pobreza, que na maioria das vezes empurra o aluno para a condição de subempregado a fim de complementar a renda familiar. Uma questão delicada que requer atenção especial. Segundo Pedro Américo, muitas vezes os professores se sensibilizam com uma criança em dificuldade e atestam sua frequência escolar para que não perca os benefícios dos programas de transferência de renda.

Mas, de acordo com ele, essa é uma atitude equivocada. A OIT defende que se pergunte ao aluno, no momento da matrícula, se ele trabalha ou não, e a partir daí o professor poderá tratar a questão do trabalho segundo um contexto específico, com as informações necessárias. “Porque se a criança trabalha, sua visão de mundo é outra, sua experiência cotidiana é outra”, diz. Ele cita o exemplo do esforço empreendido pela OIT junto às escolas do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, com a publicação *Combatendo o trabalho infantil: guia para educadores*, um kit com jogos educativos de apoio para lidar com o tema em sala de aula.

A OIT realizou em 1999 a Convenção sobre a Proibição das Piores Formas de Trabalho Infantil e a Ação Imediata Para a Sua Eliminação, em Genebra, Suíça. Os países signatários se comprometeram a criar dispositivos legais para o estabelecimento da idade mínima de 16 anos para o início da vida profissional – ainda que a convenção considerasse

SAIBA MAIS

Livros:

O trabalho infantil, de Ari Cipola (Publifolha, 2001)
Os sentidos do trabalho, de Ricardo Antunes (Boitempo, 2000)

Sites:

OIT: www.oit.org.br
 Unicef: www.unicef.org.br
 Ministério Público do Trabalho: www.mpt.gov.br
 Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome: www.mds.gov.br

Escola: agente de conscientização

que o termo “criança” designasse toda pessoa menor de 18 anos. No Brasil, o trabalho para menores de 16 anos é proibido pelo inciso XXXIII do artigo 7^a da Constituição Federal e pelo artigo 60 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que ainda assim prevê a condição de aprendiz para maiores de 14 anos. O texto do ECA em seu artigo 62 considera aprendizagem “a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor”.

Recente estudo da OIT aborda o problema do trabalho infantil segundo uma linguagem que muitas vezes é a única compreendida numa sociedade de mercado: a contabilidade. A conta na ponta do lápis revela que o custo estimado de US\$ 105 bilhões para a erradicação do trabalho infantil na América Latina em 20 anos é muito inferior aos US\$ 341 bilhões que o resultado esperado renderia para a região. Um saldo de US\$ 236 milhões. Outra simulação, da OIT/Unicamp, calcula que se o trabalho infantil fosse erradicado no Brasil hoje provocaria uma queda imediata de 1% na renda nacional, mas proporcionaria também um aumento de 35% a essa renda em 10 anos.

Espera-se que números como esses sirvam como um incentivo a mais para a luta contra essa catástrofe social de tamanha dimensão, já que nem sempre os apelos mudos das massas oprimidas surtem efeito. Apelos como o de Gabriela Azurdy, uma jovem boliviana de 13 anos de idade que falou na sede da ONU para dirigentes de 189 países: “Nós somos vítimas de explorações e abusos de todo tipo, somos os filhos da guerra, somos órfãos da Aids, somos as vítimas e nossas vozes não são ouvidas. É preciso pôr um fim a isso! Queremos um mundo que seja digno de nós!” ■

Entrevista com Herculano Campos, doutor em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), membro da Comissão Estadual Pela Erradicação do Trabalho Infantil do Rio Grande do Norte e autor do estudo *Trabalho infantil e ideologia: contribuição ao estudo da crença indiscriminada na dignidade do trabalho*, em parceria com Alex Reinecke de Alverga.

Além da dificuldade prática de fiscalização existe ainda uma dificuldade ideológica para a erradicação do trabalho infantil?

— Certamente. A ideologia de que o trabalho dignifica, de que por seu intermédio a criança adquire a educação suficiente e necessária para a vida, de que é melhor para a criança estar trabalhando que perambulando pelas ruas etc. encobre o caráter exploratório que assume o trabalho produtivo nas sociedades capitalistas, encobre os comprometimentos pessoais e sociais decorrentes da prática precoce do trabalho, bem como acoberta as formas precarizadas por meio das quais se dá tal inserção.

Qual a relação entre trabalho infantil, modo de produção capitalista e instrumentos de proteção social?

— No capitalismo, a inserção das crianças na produção decorre, por um lado, da situação de pobreza em que se encontram muitas famílias e, por outro, do estágio das forças produtivas em certas regiões – que tanto podem ser países inteiros como partes específicas dos países, inclusive os mais desenvolvidos. Assim, quanto menos eficientes os mecanismos de proteção social dos trabalhadores e da sociedade em geral – o que implica aprofundamento da precarização do trabalho –, maior o número de famílias que precisam lançar mão do trabalho dos filhos pequenos para garantir as condições mínimas de sobrevivência.

Como a escola se insere historicamente nessa questão do trabalho infantil e como ela pode atuar hoje para a sua erradicação?

— Historicamente a escola tem feito eco à ideologia da dignidade pelo trabalho, na medida em que os cursos profissionalizantes foram criados para os filhos dos socialmente deserdados, como expressão da política que separava crianças e *menores*: aos primeiros, a “educação normal”, aos outros, a profissionalização. Atualmente, na medida em que se aprofunda a ação de conscientização dos efeitos danosos do trabalho precoce, bem como se ampliam as denúncias do caráter ideológico da formação pelo trabalho, a escola representa canal fundamental para o exercício de tais práticas de conscientização. É importante esclarecer que não se defende posição simplesmente contrária ao trabalho e tampouco que as famílias devem eximir seus filhos do aprendizado de práticas que são parte da cultura familiar; a preocupação revelada é com o trabalho produtivo precoce, aquele que pressupõe horários rígidos, extensa jornada, atividades penosas ou degradantes e comprometimento da escolarização.

² Em 2005 a prefeitura do Rio de Janeiro criou a Comissão Municipal do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. A intenção é promover a capacitação de profissionais e instituições que prestam serviços às famílias e crianças em situação de trabalho precoce. A comissão funciona no âmbito da Secretaria Municipal de Assistência Social e conta com uma verba anual de R\$ 3,6 milhões proveniente do Programa Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil.

Amigo em pano e fantasia

No dia-a-dia da Creche Municipal Jacó Inácio Gomes, um detalhe chama a atenção. Entre as crianças, um boneco, também uniformizado, participa de todas as atividades. Está na roda durante as brincadeiras e à mesa quando é hora da refeição, tem seu próprio traveseiro para o cochilo depois do almoço e vai até para casa junto com os “amiguinhos”. Batizado de Jacozinho¹, ele faz parte de um projeto que tem por objetivos promover a interação da família com a creche, desenvolver hábitos de higiene e cuidados pessoais e incentivar a comunicação das crianças com os responsáveis através da contação de histórias.

De fato, como qualquer criança, Jacozinho tem a sua própria história. E é tarefa das crianças a partir dos três anos de idade repassá-la aos pais ou responsáveis quando o boneco visita a família. Ao longo do ano, ele vai para casa com cada uma delas. E volta no dia seguinte, junto com uma ficha onde a família descreve a história contada pela criança e comenta a atividade. Crianças e adultos devem ainda produzir, em parceria, um desenho sobre o boneco, sua história ou as atividades que realizou com a família. A idéia partiu da diretora da creche, Maria Célia Pordeus, que já tinha confeccionado o boneco no final de 2003, como um Papai Noel. Para 2004, ele ga-

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

nhou feições e jeito de criança. Desde então é parte importante das atividades da creche. “A idéia é fazer com que as crianças levem um pedacinho da creche para casa e tenham a oportunidade de interagir e conversar com os pais”, explica.

Do campo à cidade – Jacozinho chegou à creche Jacó Inácio Gomes durante a festa junina de 2004. O mês de junho é dedicado à abordagem das diferenças entre a vida no campo e a vida na cidade. O assunto abriu caminho para a chegada do boneco, apresentado como um personagem que morava no interior e estava se mudando para a creche. Os pais, interpretados pela profissional da creche Fátima Paula Fernandes e pela professora Vânia, de uma escola vizinha, vieram também. E deixaram Jacozinho aos cuidados das crianças, dizendo que precisavam voltar para o campo para trabalhar. “Foi ótimo, as crianças adoraram. Trouxemos aipim, batata doce, milho e visitamos todas as salas”, lembra Fátima.

Com um “amiguinho” do campo, as crianças ficaram ainda mais animadas para conhecer as peculiaridades da vida longe das grandes cidades. Houve visita à cozinha, onde eles conheceram um pouco mais sobre os alimentos, e até os pais participaram, levando iguarias como pamonha e bolo de fubá, além de animais como coelhos e pintinhos. “A gente tenta concretizar as coisas o máximo possível, para eles conhecerem de verdade, poderem sentir, tocar. É diferente de ensinar só no papel. O Jacozinho também surgiu desta vontade de concretizar tudo”, ressalta Ana Cristina Sabino, que cuida da turma de bebês com até um ano de idade.

Passada a surpresa inicial, as crianças logo integraram Jacozinho em todas as atividades da creche. Todos querem brincar com ele, cuidar dele, ensiná-lo a comer e a escovar os dentes ou colocá-lo para dormir. O desenvolvimento de hábitos de higiene e cuidados pessoais ganhou outro colorido, com as crianças aprendendo que



Na creche, pais e professores se envolveram com o projeto Jacozinho

¹ Jacozinho foi batizado em homenagem a Jacó Inácio Gomes, que dá nome à creche. Ele foi um pedreiro que morreu durante a construção do prédio onde funciona a creche.



O dia de levar o boneco para casa é disputadíssimo pelos pequenos alunos da Creche Jacó Inácio Gomes

o boneco está sempre limpinho, calçado e penteado. Até uma namorada Jacozinho já ganhou. “Tenho uma boneca de pano na minha sala. Eles dizem que é a namorada dele porque eles são iguais”, conta Maria Célia. Entre as crianças menores, a disputa é pela hora do “soninho”. Todos querem dormir com Jacozinho. “Eles participam de tudo, mas não levam o boneco para casa porque são muito pequenos, há coisas que não têm como absorver ainda”, justifica Ana Cristina.

Visita ilustre – Para as crianças a partir dos três anos, o dia de levar Jacozinho para casa é uma verdadeira festa. O visitante segue com algumas recomendações para a criança e família, tais como mantê-lo limpinho, não deixar que ele suje o uniforme, fazê-lo dormir na hora certa e acordar cedo para voltar à creche e deixá-lo conhecer outros amigos. Além disso, a família deve ouvir a história contada pela criança para reproduzi-la na ficha que será devolvida à creche no dia seguinte. “Chegando aqui, eles contam o que aconteceu em casa, como contam lá o que se passa aqui. Geralmente, cuidam do boneco como se fosse um irmãozinho menor”, conta a profissional da creche Cíntia da Silva Santos. “Na minha turma tem uma menina que é filha única. A mãe contou que ela ensinava a ele tudo o que aprendia na creche e o levava a todos os lugares aonde ia. Na hora de trazê-lo de volta ela ficou triste,

porque era como se ele já fizesse parte da família”, completa Fernanda Heloisa Ferreira.

Até agora, os resultados não poderiam ser melhores. Maria Célia destaca que são inúmeras as manifestações de pais e responsáveis elogiando o estímulo ao diálogo e à integração familiar. “Há mães que escreveram dizendo que nunca tinham sentado com o filho para conversar”, ressalta a diretora. No caso de Maria da Luz, mãe de Maria Eduarda, à época com dois anos de idade, e Luís Felipe, com três, Jacozinho foi além. “Eles deixaram a chupeta por causa dele. Não queriam largar de jeito nenhum, mas o boneco foi lá para casa e eu disse que ele não usava chupeta e não voltaria se eles não largassem também”, conta, satisfeita.

Em 2006, Jacozinho vai ganhar mais um grupo de “amiguinhos” na creche Jacó Inácio Gomes. E já está preparado. No final de 2005, passou por um banho caprichado, uma verdadeira faxina, como diz Maria Célia. Depois de conhecer todas as turmas, o boneco vai começar a visitar as casas das crianças. O processo deve se repetir por muitos anos. Afinal, Maria Célia e as demais profissionais da creche não pensam em aposentar o personagem tão cedo. “Tem sido fantástico. O mais interessante é que as crianças dão vida a ele. E a fantasia é muito importante”, conclui a diretora. ■

Paquetá: uma ilha de história



Os lugares eram bem familiares: os mesmos do caminho de casa à escola, do passeio com os pais no final de semana ou das idas ao supermercado e à padaria. Mas o olhar das crianças estava atento, curioso, ávido por novidades. Com máquinas fotográficas a tiracolo, alunos da 4ª série da Escola Municipal Joaquim Manoel de Macedo percorreram praias, pontos turísticos e ruas de Paquetá como se estivessem descobrindo a ilha e suas paisagens. A excursão foi apenas uma das atividades propostas pela professora Mônica Jardim Gonçalves de Moraes, da sala de leitura, no projeto Memórias e Paisagens da ilha de Paquetá. A partir do projeto político-pedagógico estabelecido pela 1ª CRE, em torno da memória, Mônica resolveu investir na valorização do local onde as crianças moram e estudam. “A gente só valoriza aquilo que conhece. Como na ilha há muitas pessoas vindas de fora, a história acaba um pouco esquecida”, justifica a professora.

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Durante todo o ano de 2004, as atividades mobilizaram boa parte da escola, da educação infantil à 4ª série. Os mais animados foram os alunos das turmas 401 e 402, que exibiram os resultados de seus trabalhos fotográficos em exposições na própria escola e no Paquetá Iate Clube. Para orientar as crianças, a professora contou com a ajuda do ex-aluno Júlio César da Silva, hoje fotógrafo. “Não seria a mesma coisa se eu saísse sozinha com eles e minha maquininha. O Júlio explicou várias coisas sobre o olhar de cada um, a luz... É bom que eles aprendam a valorizar o belo também”, reflete Mônica.

Diferentes leituras – Para cada série, a professora preparou uma atividade diferente. Sempre, no entanto, envolvendo o contato com a história, os costumes e os recantos de Paquetá. Na educação infantil e na turma de progressão, o foco foi a contação de histórias. Em lugar dos livros, um passeio pelas lendas da ilha. Literal-

mente. As turmas percorreram cada um dos lugares que deram origem às mais célebres histórias da região. Depois recontaram, com suas próprias palavras, lendas como a da ponte da saudade, da Maria-Gorda ou da pedra dos namorados. “Paquetá tem lendas próprias. É importante que os jovens as conheçam e as transmitam também”, ressalta a professora.

Das lendas, Mônica passou à história descoberta nas páginas de jornais antigos. Alunos da 4ª série produziram composições sobre notícias do ano de 1928, extraídas do *Paquetá Jornal*. Além da escrita rebuscada, chamaram a atenção das crianças os problemas ambientais e a falta de respeito do homem pela natureza, já em foco naquela época. Guilherme Brito comentou uma notícia sobre visitantes que arrancavam flores e plantas da ilha, ajudados pelo cocheiro que os conduzia, morador do local. “Será que hoje existem casos como esse? Tenho certeza que sim, aqui e em quase todos os lugares do mundo. Mas quem faz isso é muito vândalo”, escreveu Guilherme. Outros alunos tentavam explicar por que a linguagem tinha mudado tanto desde a época em que o jornal foi escrito. “A escrita muda a cada dia porque o ser humano vai ficando mais inteligente a cada dia que passa”, explicou Luiz Daniel Henríquez Thedim.

As turmas do 3º ano do ciclo também foram atrás de explicações. Só que, desta vez, para os nomes das ruas onde moram. A descoberta de personagens que muitos pais ou avós chegaram a conhecer causou especial alvoroço. “Paquetá é como uma cidade do interior, onde todo mundo se conhece. Eles adoraram descobrir que muitos dos que hoje dão nome às ruas foram pessoas de carne e osso, que viveram aqui e, muitas vezes, conviveram com suas famílias”, destaca Mônica.

Para completar, alunos do 1º ano do ciclo investigaram os meios de transporte utilizados na ilha ao longo da história. Descobriram, por exemplo, que as linhas regulares de transporte para Paquetá só surgiram na primeira metade do século XIX, quando foi introduzida a navegação a vapor na Baía de Guanabara. Antes disso, só se chegava à ilha em embarcações à vela ou a remo. Já

o transporte interno, que hoje conta também com um trenzinho e ecotáxis, antigamente dependia exclusivamente de charretes e bicicletas. Cada uma dessas opções resultou em maquetes produzidas pelos próprios alunos.

Com o processo registrado ao longo de todo o ano, Mônica reuniu fotos, composições e depoimentos em um livro produzido em papel fotográfico. O envolvimento das crianças foi tão grande que, em 2006, a professora pensa em continuar investindo na memória de Paquetá, desta vez destacando personagens que marcaram a ilha. Os resultados, ela acredita, vão muito além do conhecimento da história. “É muito importante as crianças valorizarem o lugar onde moram. Quantos jovens hoje em dia picham monumentos? Eles precisam saber que tudo que está aí tem um sentido e muitos anos de história”, argumenta. ■

Locais encantadores

Muitos dos recantos de Paquetá estão associados a lendas que explicam sua origem ou o nome que receberam. Algumas das mais famosas delas foram lembradas pelos alunos da professora Mônica:



Pedra da Moreninha – Seria o local onde uma bela índia teria conquistado o coração de seu amado com uma lágrima milagrosa, já que, antes disso, os dois não se entendiam. A lenda inspirou o escritor Joaquim Manoel de Macedo, que dá nome à escola, a escrever seu mais célebre romance, *A moreninha*.

Ponte da saudade – Era o local por onde chegavam os escravos à ilha. Diz a lenda que nela diariamente chorava um escravo saudosos de seus familiares, sempre na esperança de vê-los chegar a Paquetá também.

Maria-Gorda – O enorme baobá seria uma herança deixada por uma escrava muito gorda, que não se conformava com a escravidão e prometia deixar uma lembrança para a ilha ao morrer. Um dia, a rede onde ela dormia amanheceu vazia. Neste mesmo dia teria nascido o baobá, desde então batizado de Maria-Gorda.

Pedra dos Namorados – Quem tiver um pedido a fazer deve atirar uma pedra sobre o rochedo. Se ela ficar presa, o desejo será atendido.

Escola também dá samba



Em plenas férias de janeiro, a quadra do Ciep Operário Vicente Mariano, em Bonsucesso, permanecia cheia. Animados, alunos de educação infantil até o último ano do ensino fundamental chegavam no horário marcado e atendiam prontamente às instruções de Geracina Alves Siqueira e Cláudia Santos da Silva, duas “mães amigas da escola”¹. Em lugar das tradicionais lições, muito samba no pé e melodia na ponta da língua. A cena se repete há alguns anos não só no ciep, mas em várias outras escolas da rede municipal de ensino. O motivo é o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Corações Unidos do Ciep, que leva à Marquês de Sapucaí na sexta-feira que antecede o carnaval cerca de 2.500 alunos das escolas municipais.

Há 18 anos a Corações Unidos do Ciep participa do desfile das escolas mirins, a princípio envolvendo apenas as escolas localizadas no Sambódromo. Desde 2002, um convênio com a Secretaria Municipal de Educação (SME) estendeu a todos os alunos da rede municipal de ensino a oportunidade de integrar o desfile. O projeto recebeu o nome de Escola de Bamba e entrega totalmente aos alunos a produção do desfile – da construção do enredo à bateria, passando pela confecção de figurinos e carros alegóricos e pela composição do samba de enredo. O trabalho é coordenado pela presidente da escola, Marilene Monteiro, em parceria com a Diretoria de Educação Fundamental (DEF) da SME. “A participação dos alunos é o mais importante. As idéias deles são valorizadas e concretizadas na avenida”, ressalta José Henrique de Freitas Azevedo, articulador de projetos culturais da DEF.

gurino, mestre-sala, porta-bandeira e rainha de bateria. A partir do tema, definido pela DEF em parceria com a presidência da escola, os alunos interessados podem apresentar propostas de sinopse e estrutura de enredo, sempre orientados por seus professores. Em 2006, o enredo vencedor, sobre o tema Qualidade de Vida: Desafio de uma Nação, veio da escola Professor Vieira Fazenda. Os alunos encenaram as belezas da natureza, a poluição e o desmatamento, a arte como criação humana e desafios como a democratização da saúde, da educação e da cultura, a paz, a segurança e o respeito à diversidade.

Escolhido o enredo, os concursos continuam. Do Ciep Operário Vicente Mariano vieram, este ano, as fantasias, desenhadas por um grupo de quatro alunos. “A escola sempre me incentivou a desenhar. Vimos a história do desfile e fomos fazendo as fantasias. Não foi difícil, a gente imaginava que pudesse ganhar”, minimiza Fabrício da Silva Feitor, que concluiu em 2005 o ensino fundamental. O ciep fez bonito também no quesito puxador de samba. Aliás, como já é tradição, conforme Geracina faz questão de ressaltar. “Todo ano tem alguém daqui puxando o samba. Acho que é por causa do trabalho do coral”. O coral Semeando o Ope-

¹ As “mães amigas da escola”, presentes em algumas escolas municipais, são voluntárias que ajudam a coordenar a entrada das crianças, a ida para o refeitório e diversas atividades extras, como oficinas e comemorações. No Ciep Operário Vicente Mariano, elas são 20. Geracina, por exemplo, participa desde que sua primeira filha entrou na escola, há seis anos. Desde então ela coordena, ao lado de Cláudia, o coral Semeando o Operário. É sua também a função de ensaiar a ala da escola para o desfile da Corações Unidos do Ciep. “É muito importante o entrosamento das mães com a escola. E, sem elas, eu não poderia tocar vários projetos”, reconhece a diretora do ciep, Walmyra Leite d’Azevedo Tavares.

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

rário funciona desde 1994 na escola e foi lá que Juliana Ferreira de Almeida e Fernanda Cristina da Silva descobriram o gosto por soltar a voz. Com outras três estudantes, elas foram escolhidas para defender o samba da Corações Unidos do Ciep na avenida. “É uma emoção muito boa. Dá um friozinho na barriga, mas, se a gente errar, improvisa e dá tudo certo”, conta Juliana, no comando do microfone há três anos. “A parte mais difícil é controlar a emoção”, completa Fernanda, em seu segundo ano na função.

Além dos concursos, há trabalhos que não param o ano inteiro. E, no que depender de José Henrique, eles serão cada vez mais numerosos. A intenção é, com a evolução do projeto, criar uma série de oficinas que preparem os estudantes para os concursos, ensinando, por exemplo, os passos de mestre-sala e porta-bandeira ou as técnicas para a criação de um samba. “Hoje, eles mostram o que já sabem, por intuição ou pela observação. O legal seria formar as crianças para que todas tivessem oportunidade de tentar. E, com isso, a gente daria um salto de qualidade também”, explica.

Atualmente, somente os integrantes da bateria e da comissão de frente recebem orientação profissional. A bateria tem sede no Ciep Augusto Pinheiro de Carvalho, onde um mestre de bateria prepara os alunos o ano inteiro. Já a comissão de frente fica a cargo de um professor de dança do Núcleo de Artes Grécia. Nos demais quesitos, vale o esforço dos alunos e a colaboração dos professores. Em conjunto, eles produzem não só arte, mas mensagens de vida, como a que traz o samba de enredo de 2006, criado na escola Procópio Ferreira: “O sol brilha *pra* todos/ Todos têm o direito de sonhar/ Sou cidadão/ Quero um teto *pra* morar/ Viver, sorrir, brincar/ E às drogas vou dizer não/ O caminho é a educação/ Sou carioca de coração/ Daqui não saio/ Daqui não saio não”.

Mãos à obra – O samba escolhido é gravado em CD e, em pouco tempo, já está na ponta da língua dos alunos. Cada escola fica com a responsabilidade de ensaiar sua ala para o desfile. No Ciep Operário Vicente Mariano, a tarefa cabe a Geracina e Cláudia, que reúnem metade do grupo de 80 alunos em dezembro e a outra metade em janeiro. “As crianças adoram. Perguntam a toda hora quando vai acon-

tecer o ensaio, ficam ansiosas”, comemora Cláudia. Os ensaios duram duas horas e acontecem, geralmente, duas vezes por semana. O envolvimento da escola é fundamental, como ressalta José Henrique. “Em 2005, apareceram 86 escolas na primeira reunião, mas muitas vão ficando pelo caminho. Há reuniões periódicas e um trabalho a ser feito. Só nos interessa quem realmente se envolve”, sentencia. Até hoje, não foi necessário limitar o número de participantes, que está em torno de 2.500, divididos em 21 alas. Mas José Henrique lamenta que o projeto não possa crescer numericamente em função das necessidades do desfile. “Um número maior de integrantes é inviável. Se houver mais escolas interessadas, a única coisa que podemos fazer é diminuir o número de alunos por escola para atender a mais unidades”, explica.

Trabalho para as escolas envolvidas não falta. Além do ensaio das alas, cabe a elas também, a partir deste ano, a confecção dos figurinos e adereços. Até o ano passado, esta função era confiada a costureiras. A mudança veio com o objetivo de estreitar o relacionamento das mães com a escola. “Hoje, elas é que coordenam este trabalho. Isso aumenta a relação da escola com a comunidade e traz reflexos extremamente positivos”, ressalta José Henrique. Entre dezembro e fevereiro, Geracina foi ao Ciep Operário Vicente Mariano praticamente todos os dias. Ela coordenou oficina de produção de fantasias, que envolveu 14 crianças entre outubro e dezembro. “Quando eles saíram de férias, faltavam só os acabamentos. Aí eu e outros quatro voluntários tocamos o trabalho”, conta.

O envolvimento de mães como Geracina é o retrato do que prega o projeto Escola de Bamba. Walmyra, diretora do ciep, não esconde a alegria por ver a quadra cheia durante os meses de férias, para ela os mais difíceis da administração de uma escola. “O entrosamento das crianças e suas famílias com a escola é bom para todo mundo. Temos uma clientela muito boa, numa localidade muito complicada. Com projetos como este, resgatamos o espaço da escola na vida destas crianças e temos movimento aqui dentro o ano inteiro”, destaca. Os alunos concordam plenamente. “Adoro sambar. É muito melhor vir para os ensaios do que ficar em casa”, aprova Robson da Silva. ■



A Guanabara de todos nós

Baía que já se chamou Niterói ajudou a batizar a cidade e hoje ‘morre’ aos poucos com a poluição

No primeiro dia do mês de janeiro do ano de 1502 o navegador português Gaspar de Lemos jurou que a imensa baía à sua frente era a foz de um grande rio. Já havia visto algo semelhante: a foz do rio Tejo, em Lisboa, chamada Mar da Palha. A confusão rendeu aos arredores da baía o nome de batismo da cidade fundada em 1565 por Estácio de Sá e o da capitania real, em 1567: Rio de Janeiro. Já a baía, escondida entre o Oceano Atlântico e a cadeia de montanhas que mais tarde seria conhecida como Serra do Mar, nem levou o nome de Guanabara.

Um poema do Visconde de Araguaia¹ dizia: “Niterói, Niterói como és formosa”. O visconde não se referia à cidade, mas à baía, cujo primeiro nome foi Niterói, que em tupi significa água escondida, ou água oculta, ou ainda água que está por se descobrir. Um nome bem apropriado a uma imensidão de água com uma abertura tão estreita para o mar, entre o Pão de Açúcar e a Fortaleza de Santa Cruz. Mais tarde, em 1835, a Vila Real da Praia Grande foi rebatizada com o velho nome da baía e virou a cidade de Niterói.

O nome Guanabara veio mais tarde, e esse “braço de mar” (significado de guanabara também em tupi) assistiu a batalhas entre índios, portugueses e franceses pelo domínio de suas águas e de seus arredores. Os franceses aportaram na baía em 1555 para instalar um núcleo colonial, a França Antártica. Na luta contra os portugueses, conseguiram o apoio de tribos indígenas escravizadas por Portugal. Os franceses e a união dos índios conhecida como Confederação dos Tamoios foram derrotados por Mem de Sá e seu sobrinho Estácio de Sá em 1567.

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro cresceu ao redor da Baía de Guanabara nos séculos seguintes e várias foram as intervenções do homem para modificar a paisagem encontrada pelo pioneiro português Gaspar de Lemos. Algumas áreas de suas margens foram aterradas para a construção de cais e vias públicas. Em 1974 foi inaugurada a Ponte Rio–Niterói. Já o serviço de travessia por embarcações começou em 1835, com a Companhia de Navegação de Nictheroy, precursora da Barcas S.A. A superfície original da Baía de Guanabara sofreu redução de 30%, devido às áreas aterradas para urbanização. Das 188 ilhas que existiam em 1500 só restam 127, sendo as mais famosas as do Governador e de Paquetá. À beira da baía funcionam 14 terminais marítimos de carga e descarga, dois portos comerciais e diversos estaleiros navais.

No século XVIII, Dom João VI costumava visitar a praia de São Domingos, em Niterói. O monarca sofria de uma doença de pele e conseguia sensíveis melhoras ao se banhar nas águas na baía. Uma ironia do tempo e da história, quando se observa hoje a luta da baía contra a poluição e pela própria sobrevivência. Em seus escritos, o padre José de Anchieta relata as constantes visitas das baleias às suas águas. Hoje, quando uma baleia aparece nesse braço dos mares do Sul ela vira notícia, tamanha a raridade de um fato outrora comum. Vítima da poluição de esgotos domiciliares e de despejo de resíduos industriais, a Baía de Guanabara vive às voltas com idéias para a sua recuperação. Das suas 53 praias, apenas quatro estão apropriadas para banho. ■

¹Gonçalves de Magalhães (1811-1882), o Visconde de Araguaia, foi médico, diplomata, poeta e dramaturgo. É patrono da cadeira n° 9 da Academia Brasileira de Letras.

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

'A mulher do impossível'

A escritora Rose Marie Muraro recebe o título de patrono do feminismo no Brasil

Ver metade dos países do mundo governados por mulheres é um sonho para o novo século. Pelo menos para uma velha conhecida na defesa das causas femininas, a escritora e editora Rose Marie Muraro. No mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, nada mais pertinente do que falar dela, que em dezembro de 2005 recebeu por sua militância em movimentos sociais o título de patrono do feminismo no Brasil. A condecoração veio através de lei sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Rose Marie teve uma vida cheia de desafios: enfrentou a opressão contra o chamado sexo frágil, a ditadura, a igreja e principalmente a morte. Nasceu quase cega, mas chega aos 75 anos cheia de planos e prestes a publicar, este mês, seu 27º livro: *O que as mulheres não dizem aos homens*.

A escritora nasceu em 11 de novembro de 1930 com apenas cinco por cento da visão. Mesmo convencida pelos médicos de que não conseguiria ler, se dedicou inteiramente à leitura. Somente aos 66 anos passou por uma cirurgia que lhe devolveu parte da visão. Foi quando conseguiu se ver com nitidez, pela primeira vez. "Eu sempre faço o que não posso. Sempre enfrento desafios. Eu era proibida de ler e virei escritora. Tinha problemas de coração e fui proibida de ter filhos. Acabei tendo cinco. Por isso sou a mulher do impossível", brinca.

Apesar de descender de uma família rica passou por dificuldades financeiras, ainda jovem, com a morte repentina do pai. Isso contribuiu para que se dedicasse à construção de um mundo mais justo, sem preconceitos contra classes ou gêneros.

A história da escritora se confunde com a cronologia do feminismo no Brasil. Seu grande passo na militância feminista se deu em 1966, quando publicou *A mulher na construção do mundo futuro*, que trata de sexualidade e direitos da mulher. Naquele ano, o Congresso Nacional deu um passo importante: a inclusão do sistema de cotas para mulheres na lei eleitoral que obrigou os

partidos a inscreverem no mínimo 20% delas em suas chapas proporcionais.

Na década de 1970, Rose Marie foi trabalhar na Vozes, uma editora comandada pelos padres franciscanos, onde iniciou uma cruzada em defesa dos direitos da mulher. Naquela época, a escritora trouxe ao Brasil a feminista Betty Friedan, morta em 4 de fevereiro último. Ela também trabalhou com Frei Leonardo Boff, parceria que lhe rendeu participação na luta pela emancipação da mulher e na construção da Teologia da Libertação. Em 1986, entretanto, por ordem do Vaticano, ela e Boff foram expulsos da editora. Rose Marie tinha acabado de publicar o livro *Por uma erótica cristã*. "A gente aproveitou um instrumento valiosíssimo, que é uma editora. Ela pode esculpir o futuro, ao passo que jornais e revistas só esculpem o presente. A razão da expulsão foi eu ser a favor de uma sexualidade livre e da descriminação do aborto".

Por nove vezes Rose Marie foi eleita a Mulher do Ano. Foi condecorada em 2003 com o prêmio Carlota Pereira de Queiroz pela Câmara dos Deputados e é uma das criadoras do Centro da Mulher Brasileira, entidade que realiza pesquisas e divulga informações sobre saúde e violência contra a mulher. Mas para ela conquista maior foi ver uma mulher, Michelle Bachelet, ocupar o cargo máximo de uma nação, o Chile. "A mulher tem um instinto de preservação maior, porque traz uma criança no útero. Um estudo do Banco Mundial também mostra que o sexo feminino é menos corrupto." Ao fazer uma avaliação de sua vida, orgulha-se de ter conseguido vencer os principais preconceitos da nossa sociedade, mais recentemente o da velhice. A fórmula? Ignorar que a idade avança. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO



Música clássica

No ano em que se comemoram 250 anos de nascimento de Mozart, nada mais fascinante do que conhecer um pouco da vida e da obra de um dos grandes compositores brasileiros contemporâneos: Heitor Villa Lobos. Todo o acervo do músico, considerado em vida o maior compositor das Américas, está resguardado no Museu Villa Lobos. Museu Villa Lobos
Rua Sorocaba 200, Botafogo
Informações: 2266-1024
www.museuvillalobos.org.br



Meio ambiente

Os professores de geografia que se interessam pelos temas relativos ao meio ambiente podem se informar sobre a pós-graduação em Avaliação e Análise Ambiental, oferecida pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). O objetivo do curso é capacitar os alunos em análise ambiental e promover uma reflexão sobre exploração sustentável. PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225, casa XV, Gávea
Informações: 3114-1394

Congresso de educação

A Unesp vai promover entre os dias 10 e 12 de maio o IV Encontro de Educação do Oeste Paulista. O evento será realizado na Faculdade de Ciências e Letras, na cidade de Assis, São Paulo, e terá como tema Aula: Direito e Averso. Os interessados podem se inscrever pela internet, pelo site www.fundepe.com/encontro.

Unesp

Faculdade de Ciências e Letras
Departamento de Educação –
Campus de Assis
Av. Dom Antônio, 2100
CEP: 19806-900
Caixa postal, 65 Assis, SP
Informações: (18) 3302-5860

Mapas tropicais

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) exhibe até o dia 23 de abril a mostra



Árvores douradas – pinturas de Franz Ackermann. A velocidade, o movimento e a arquitetura são temas que o artista, um dos mais importantes do panorama da arte contemporânea mundial, traduz com uma explosão de cores em grandes telas.

CCBB

Rua Primeiro de Março 66, Centro
Informações: 3808-2020

Teatro infantil

Theatro das Virtudes, sucesso de crítica em 2005, voltou a ser exibido no Instituto Cultural Telemar. A peça, dirigida ao público infantil e encenada pela Companhia de Teatro Sura Berditchevski, tem a participação especial do Projeto Villa Lobinhos. O espetáculo acontece aos sábados e domingos, às 17h, até o dia 26 de março, e custa R\$ 5.

Instituto Cultural Telemar
Rua Dois de Dezembro 63, Flamengo
www.institutotelemar.org.br/centrocultural
Informações: 3131-3060

Quadrinhos e ilustração

O curso ensina a arte de criar histórias em quadrinhos, com todas as suas técnicas e instrumentos, bem como um pouco de sua história desta arte que encanta gerações.

Museu da República

Rua do Catete 153, Catete
Informações: 2298-9649 e
9295-5031
rlima@domain.com.br

Ateliê livre

O Laboratório de Cerâmica do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) promove durante todo o ano de 2006 uma oficina gratuita de cerâmica. As aulas são realizadas de segunda a quinta-feira, das 13h às 21h, na sala 11.015, bloco E, 11º andar do Pavilhão João Lyra Filho.

UERJ

Rua São Francisco Xavier 524, Maracanã
www.uerj.br
Informações: 2587-7491

Publicação de livros

A Editora da Universidade Federal Fluminense (UFF) em parceria com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propp) lançaram edital para produção e publicação de livros. Os trabalhos escolhidos terão todos os serviços de editoração e impressão custeados pela universidade. A tiragem inicial será de 500 exemplares.

Os interessados devem fazer inscrição até 30 de junho. O formulário está disponível nas agências do correio.

UFF – Secretaria

Rua Miguel de Frias 9, anexo, sobreloja, Niterói.
CEP: 24.220-008,
www.uff.br
Informações: 2629-5287

O recém-lançado *Cinqüenta grandes educadores modernos – de Piaget a Paulo Freire* é uma das indicações do mês. Destaque também para o livro de Rose Marie Muraro e Frei Leonardo Boff, que defende um encontro entre as diferenças de gênero através de um convívio pessoal mais harmônico entre homens e mulheres. A trajetória de Muraro está na seção *Perfil* desta edição.

Livros

Quem quiser que conte outra



(Col. Espaço Aberto)
Elias José
Edições Paulinas, 2005
Diz o ditado popular que “quem conta um conto aumenta um

ponto”. E aí, de tanto contar e aumentar, no final já não se sabe nem como a história começou... As histórias que Elias José reuniu neste livro são assim: nasceram nos meios populares e eram contadas de memória, de geração em geração. Em comum, os textos reunidos na obra têm a característica de ser acumulativos, o que os transforma em deliciosas brincadeiras e numa forma divertida de conhecer as histórias de nosso país.

Cinqüenta grandes educadores modernos – de Piaget a Paulo Freire

Joy A. Palmer

Editora Contexto, 2006

Como a estrutura socioeconômica condiciona a educação? Qual é o papel do professor nos tempos atuais? Como organizar e planejar a atividade pedagógica de forma prática e racional? De Susan Isaacs a Martin Heidegger, de Jean Piaget a Simone Weil, de Schwab a Elliot

Eisner, passando por Vygotsky e Foucault, *Cinqüenta grandes educadores modernos – de Piaget a Paulo Freire* fala da influência, da importância e do caráter inovador do pensamento dos mais importantes educadores modernos, trazendo à tona importantes questões sobre educação.

A origem das palavras para crianças e jovens curiosos

Márcio Bueno

Editora José Olympio, 2006

O livro é dedicado a um público que ainda vive a famosa “idade dos porquês”. De A a Z, o autor diverte e ensina através de verbetes que passeiam por tudo o que diz respeito ao variado universo infanto-juvenil. De onde vêm os esquisitos, porém tão comuns, termos da área da informática, como arroba, *bug*, deletar, *mouse*, *chat* e RAM? E os deliciosos sanduíche, cachorro-quente e pipoca? Qual a origem de expressões usadas no mundo dos esportes, como alpinista, gol olímpico, pelada, gandula e zebra? Quem dança samba, forró e *rap* está dançando o quê? E como surgiram as expressões *azarar*, *pagar mico*, *nerd* e *sarado*, tão comuns num bate-papo entre jovens? Com um texto leve e agradável, Bueno responde a tudo isso e a muito mais.

Vídeos

Série *Nós da Escola*/MULTIRIO

Programa nº 171/ 2005. Título:

“Jogos cooperativos”

O programa aborda a importância do trabalho com jogos cooperativos nas aulas de educação física e como estes jogos podem promover a solidariedade, o respeito e a amizade entre os alunos.

Série *Nós da Escola*/MULTIRIO

Programa nº 183/2005. Título:

“Temas em debate: educação infantil”

Este *Nós da Escola* discute o resgate da concepção da criança, a importância da linguagem e da brincadeira no processo de criação da identidade e a expressão oral do corpo na descoberta do mundo.



Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças

Rose Marie Muraro e

Leonardo Boff

Editora GMT, 2002

Neste livro, os autores fazem uma análise profunda da sexualidade e mostram como os conflitos entre gêneros podem levar à destruição da humanidade. É preciso estabelecer um convívio pessoal mais harmônico entre homens e mulheres, sem competição nem violência, e criar uma nova consciência, mais solidária. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças* é uma obra provocadora, que questiona as grandes teorias patriarcais, a psicanálise freudiana e até a teologia produzida a partir do ponto de vista masculino.

canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO	
BandRio	14h-14h30	Abrindo o Verbo Temas: Ensino Médio e Jogos Eletrônicos.	Br@nché (Língua francesa) Memórias Cariocas* Gerúndio e Cacófato*	Nós da Escola Temas: Funk e Rap, Qualidade de vida, Jogos cooperativos, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Wilson Lazaretti, Orlando Guilhon, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente.	9h-9h30 Abrindo o Verbo Temas: Ensino Médio e Jogos Eletrônicos.	É Tempo de Diversão Aventuras Cariocas	
	14h30-15h	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	9h30-10h Natureza e tecnologia Série que relaciona o mundo natural com as invenções humanas.	Encontros com a Mídia Convidados: Wilson Lazaretti, Orlando Guilhon, entre outros.	
Net - canal 14	7h30-8h	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Arte e Cultura.	
	8h-8h30	Séries e documentários Expresso Brasil. A civilização do cacau, Papagaios amarelos, O mundo cabe numa cadeira de barbeiro, Olho vivo, É tempo de diversão, Minha Família.	Cara de Criança Programas infantis: O mundo encantado de Richard Scary, Meu pequeno planeta, O divertido mundo dos bichos, Lucas e Lucinda, Matilda.	Séries e documentários Os contos de Oscar Wilde, É Tempo de Diversão, Minha Família.	Séries e documentários Mesa Brasileira, Olho Vivo.	Cantos do Rio Paulinho Moska e Roberto Menescal, entre outros.	Cara de Criança Programas infantis: O mundo encantado de Richard Scary, Meu pequeno planeta, O divertido mundo dos bichos, Lucas e Lucinda, Matilda.	Mesa Brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	
	8h30-9h			Abrindo o Verbo Temas: Ensino Médio e Jogos Eletrônicos.	Nós da Escola Temas: Funk e Rap, Qualidade de vida, Jogos cooperativos, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Wilson Lazaretti, Orlando Guilhon, entre outros.		Atletas do Rio* Gerúndio e Cacófato* Memórias Cariocas* Aventuras Cariocas	
	9h-9h30			Séries e documentários A civilização do cacau, Papagaios amarelos, O mundo cabe numa cadeira de barbeiro.	Os Contos de Oscar Wilde Série de animação	Mesa Brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares		Abrindo o Verbo Temas: Ensino Médio e Jogos Eletrônicos.	
	9h30-10h	Cantos do Rio Paulinho Moska e Roberto Menescal, entre outros.	Noah e Saskia Série canadense	Atletas do Rio* Gerúndio e Cacófato* Memórias Cariocas* Aventuras Cariocas	Cantos do Rio Paulinho Moska e Roberto Menescal, entre outros.	Expresso Brasil Série sobre cultura e turismo		Abrindo o Verbo Temas: Ensino Médio e Jogos Eletrônicos.	
	10h-10h30							Nós da Escola Temas: Funk e Rap, Qualidade de vida, Jogos cooperativos, entre outros.	
	10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Encontros com a Mídia Convidados: Wilson Lazaretti, Orlando Guilhon, entre outros.
	11h-11h30	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Expresso Brasil Série sobre cultura e turismo
Net Educação	12h-12h30	Reflets- Curso de francês Gerúndio e Cacófato*	Reflets- Curso de francês As formas do invisível	Reflets- Curso de francês Gerúndio e Cacófato*	Reflets- Curso de francês As formas do invisível	Br@nché (Língua francesa) Gerúndio e Cacófato*	A MULTIRIO também está na TV Alerj (canal 12) De segunda a sexta, das 8h às 10h e das 21h às 22h. Aos sábados e domingos, a partir das 20h.		
	12h30-13h	Os Contos de Oscar Wilde Série de animação	Mesa Brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Gerúndio e Cacófato* Olho Vivo Série sobre Ciência e História Natural	Atletas do Rio* Gerúndio e Cacófato* Memórias Cariocas* Aventuras Cariocas	Séries e documentários A civilização do cacau, Papagaios amarelos, O mundo cabe numa cadeira de barbeiro.			
	13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: Wilson Lazaretti, Orlando Guilhon, entre outros.	Cantos do Rio Paulinho Moska e Roberto Menescal, entre outros.	Séries e documentários Transportes, Grandes Questões e Pesquisas Científicas	Abrindo o Verbo Temas: Ensino Médio e Jogos Eletrônicos.	Nós da Escola Temas: Funk e Rap, Qualidade de vida, Jogos cooperativos, entre outros.			
	13h30-14h	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.	Rio, a Cidade! Temas: Internet, Rádio Nacional, Samba, Música, Merendinhas, entre outros.			

*Interprogramas MULTIRIO - Atletas do Rio (Jovens e esportes), Gerúndio e Cacófato (Dicas de português), Memórias Cariocas (Histórias do Rio). Programação sujeita a alterações. Para mais informações consulte www.multirio.rj.gov.br.

PREFEITURA

NAVE ESCOLA DO PLANETÁRIO UMA VIAGEM PELO COSMOS NA CAUDA DE UM COMETA.



Qual é a diferença entre Saturno e Plutão? Quanto você pesaria se estivesse em Vênus? Como é o movimento dos astros, anéis e satélites? É só embarcar na plataforma da Nave Escola do Planetário da Gávea, que essas e outras curiosidades estão deixando de ser mistério para centenas de alunos da rede escolar da Prefeitura. Um verdadeiro passeio virtual pelo cosmos "pilotado" por cada criança em imagem 3D. E a possibilidade dela criar até seu

próprio planeta. A Nave Escola é hoje a atração especial e permanente do Museu do Universo do Planetário com cabine de comando, 13 quiosques interativos multimídia com informações sobre planetas, acesso a uma réplica da Estação Espacial Internacional, jogos interativos com animações educativas e até indumentária de astronauta para fotos. Uma viagem mágica com a Prefeitura do Rio, que leva na bagagem muito conhecimento.



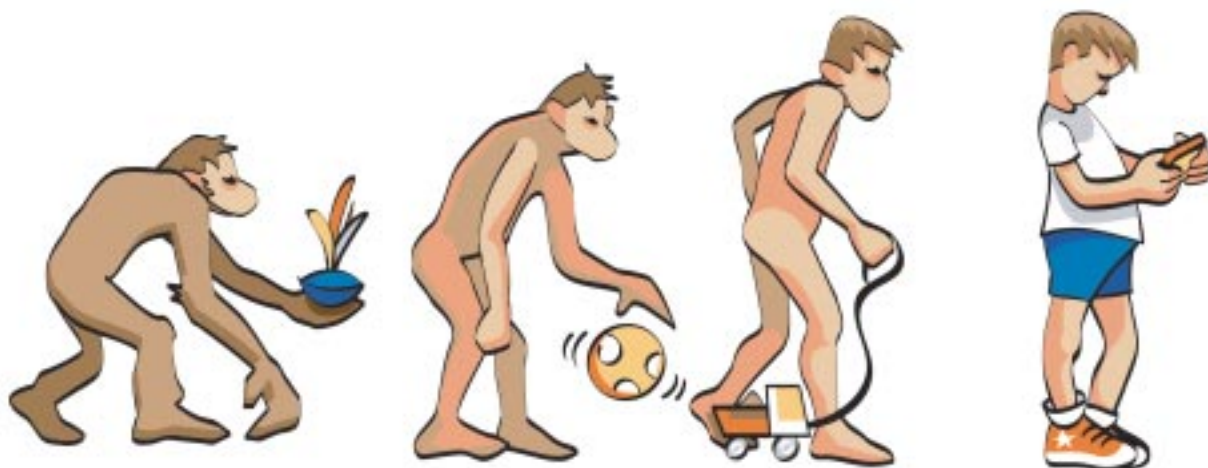
RIO



PREFEITURA

CULTURAS

PLANETARIO



NÓS DA ESCOLA

No próximo número:
Ludicidade e história